

NATÁLIA KANASHIRO DE MEDEIRAS

**ENTRE O RISO E A MORTE: REFLEXÕES SATÍRICAS E
FILOSÓFICAS EM *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE* (2005),
DE JOSÉ SARAMAGO**

ASSIS

2024

NATÁLIA KANASHIRO DE MEDEIRAS

**ENTRE O RISO E A MORTE: REFLEXÕES SATÍRICAS E
FILOSÓFICAS EM *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE* (2005), DE
JOSÉ SARAMAGO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de mestra em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Orientador: Prof. Dr. Sandra Aparecida Ferreira

Bolsista: Fundação Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(CAPES - Processo 8887.687379/2022-00)

ASSIS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

M488e Medeiros, Natália Kanashiro de
Entre o riso e a morte : reflexões satíricas e filosóficas
em *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago /
Natália Kanashiro de Medeiros. — Assis, 2024
88 f.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Sandra Aparecida Ferreira

1. Saramago, José, 1922-2010. *As Intermitências da
morte*. 2. Morte. 3. Sátira. I. Título.

CDD 869.7

IMPACTO SOCIAL DESTA PESQUISA

Este estudo tem como objetivo promover reflexões, produções e investigações críticas e científicas que possam acrescentar informação ao ambiente acadêmico. Tais investigações corroboram nos estudos críticos e literários sobre a obra de José Saramago ao identificar as discussões produzidas em seu romance *As intermitências da morte* [2005] a respeito das condições precárias enfrentadas pela sociedade contemporânea diante de muitas adversidades nos parâmetros econômicos, sociais, filosóficos e éticos. Em vista destes apontamentos, verificamos que a produção literária de José Saramago promove impactos culturais ao propor discussões e reflexões sobre problemáticas que circundam o corpo social. Posto isso, o romance *As intermitências da morte*, consegue dispor situações adversas na narrativa que apresentam os malefícios de uma vida eterna, proporcionando pensamentos críticos juntamente com ao público leitor sobre a angústia da finitude e do envelhecimento que circundam o meio social. O estudo propõe a relevância do assunto pelo fato de identificarmos a crise humanitária, em que, a sociedade contemporânea nega a presença da morte, logo, expressando uma postura angustiante e amedrontada ao pensar sobre o fim, em vista disso, percebemos que a Literatura se posiciona como um articulador de diálogos entre autor e leitor, consequentemente, este trabalho assume o propósito de analisar o texto literário através dos recursos satíricos da menipeia que o narrador saramaguiano utiliza para revelar as denúncias sociais imprimidas na narrativa. Além disso, acreditamos que o estudo acrescenta na colaboração nos estudos da Literatura Portuguesa no Brasil, proporcionando a ligação entre a cultura portuguesa e brasileira por meio dos estudos literários lusófonos, assim, acreditamos que esta produção acadêmica possa cooperar no meio científico sobre os estudos saramaguianos.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This study aims to promote critical and scientific reflections, productions and investigations that can add information to the academic environment. Such investigations corroborate critical and literary studies on the work of José Saramago by identifying the discussions produced in his novel *Death with interruptions* [2005] regarding the precarious conditions faced by contemporary society in the face of many adversities in economic, social, philosophical and ethical. In view of these notes, we see that José Saramago's literary production promotes cultural impacts by proposing discussions and reflections on issues that surround the social body. That said, the novel *Death with interruptions* manages to present adverse situations in the narrative that present the harm of an eternal life, providing critical thoughts together with the reading public about the anguish of finitude and aging that surround the social environment. The study proposes the relevance of the subject due to the fact that we identify the humanitarian crisis, in which contemporary society denies the presence of death, therefore, expressing a distressing and frightened stance when thinking about the end, in view of this, we realize that Literature has become positions itself as an articulator of dialogues between author and reader, consequently, this work assumes the purpose of analyzing the literary text through the satirical resources of menippean that the Saramaguian narrator uses to reveal the social denunciations printed in the narrative. Furthermore, we believe that the study adds to the collaboration in the studies of Portuguese Literature in Brazil, providing a link between Portuguese and Brazilian culture through Lusophone literary studies, thus, we believe that this academic production can cooperate in the scientific environment on Saramago studies.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: ENTRE O RISO E A MORTE: REFLEXÕES SATÍRICAS E FILOSÓFICAS EM AS *INTERMITÊNCIAS DA MORTE* (2005), DE JOSÉ SARAMAGO

AUTORA: NATÁLIA KANASHIRO DE MEDEIRAS

ORIENTADORA: SANDRA APARECIDA FERREIRA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Letras, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA (Participação Presencial)
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL- Assis/SP

Prof. Dr. NEFATALIN GONÇALVES NETO (Participação Virtual)
Unidade Acadêmica de Serra Talhada - UAST / Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Participação Presencial)
Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL - Assis/SP

Assis, 30 de novembro de 2023

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio e Aparecida que me proporcionaram amor,
dedicação e cuidado para que eu pudesse realizar meus sonhos.

À Caroline e Mariana que me acompanharam e me apoiaram nesta jornada árdua.
Ao Iago, Jaime, João e Jônathas que me proporcionaram os melhores momentos da
faculdade.

À Laís, Aline e Helisa que me acolheram e se tornaram a minha segunda família em
Assis.

À Sandra, pela confiança, paciência e incentivo para continuar neste caminho.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Ao Programa de Pós-Graduação de Letras da UNESP-FCL de Assis que possibilitou o desenvolvimento desta dissertação de mestrado.

A Prof.^a Dra Sandra Aparecida Ferreira, pelo ensino e pelas orientações que foram realizadas durante o processo de pesquisa e análise da tese.

C'est la mort qui console, hélas! et qui fait vivre;

C'est le but de la vie, et c'est le seul espoir

Qui, comme un élixir, nous monte et nous enivre,

Et nous donne le coeur de marcher jusqu'au soir

(BAUDELAIRE, 1964, p.148)

RESUMO

Este trabalho possui o objetivo de analisar os recursos da sátira menipeia do romance *As intermitências da morte*, de José Saramago. O estudo identificou a utilização da sátira como modo de elaboração e abordagem para dissertar e refletir sobre a convivência do homem com a morte. O embasamento teórico deste trabalho são as leituras complementares que auxiliam no entendimento desta investigação, as obras de Soethe (1988), Hodgart (1969), Jolles (1976), entre outros autores que foram determinantes para esclarecer as manifestações satíricas identificadas no romance – a ridicularização, o rebaixamento e o mundo às avessas. O estudo ampara-se ainda em leituras das obras de Aguilera (2010), Berrini (1998), Reis (1998) entre outros para refletir sobre a produção literária de José Saramago. Desta maneira, a dissertação apresentará resultados que tratam da utilização dos recursos cômicos na obra saramaguiana como forma de contribuição quanto à possibilidade de a Literatura representar o processo de finitude para os leitores, corroborando na elaboração das reflexões sobre o luto e a angústia por meio do riso dirigido às distorções promovida pela sociedade em torno da morte. A obra *As intermitências da morte*, portanto, promove a consciência e a reflexão no leitor ao apresentar os comportamentos repreensíveis da sociedade contemporânea diante da morte: a recusa, o distanciamento, a patologização e o terror relacionado à finitude. Sendo assim, José Saramago coloca esses comportamentos sob uma lente crítica e, a partir disso, apresenta e questiona as motivações amplamente relacionadas ao tema da morte.

Palavras-chaves: *As intermitências da morte*; Sátira; José Saramago.

ABSTRACT

This work aims to analyze the features of menippean satire in the novel *Death with interruptions*, by José Saramago. The study identified the use of satire as a method of elaboration and approach to discuss and reflect on man's coexistence with death. The theoretical basis of this work is the complementary readings that help in understanding this investigation, the works of Soethe (1988), Hodgart (1969), Jolles (1976), among other authors who were decisive in clarifying the satirical manifestations identified in the novel - the ridicule, demotion and the world turned upside down. The study is also supported by readings of the works of Aguilera (2010), Berrini (1998), Reis (1998) among others to reflect on the literary production of José Saramago. In this way, the dissertation will present results that deal with the use of comic resources in Saramago's work as a form of contribution regarding the possibility of Literature representing the process of finitude for readers, corroborating the elaboration of reflections on mourning and anguish through laughter directed at the distortions promoted by society around death. The work *Death with interruptions*, therefore, promotes awareness and reflection in the reader by presenting the reprehensible behaviors of contemporary society in the face of death: refusal, distancing, pathologization and terror related to finitude. Therefore, José Saramago places these behaviors under a critical lens and, from this, presents and questions the motivations broadly related to the theme of death.

Keywords: *Death With interruptions*; Satire; José Saramago.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	UMA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA MORTE	18
1.1	José Saramago e as intermitências da morte	22
1.2	A crise religiosa	28
1.3	Relações entre envelhecimento e morte	32
2	MEDITAÇÃO SOBRE A MORTE E A HUMANIZAÇÃO	39
2.1	O distanciamento da morte	47
2.2	Memento Mori	51
2.3	A morte pode ser bela	56
3	O COMPROMISSO SOCIAL DO ESCRITOR	62
3.1	O temerário desejo humano de vida eterna	72
3.2	A mediação de um diálogo angustiante	77
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO

O romance *As intermitências da morte* tem como principal narrativa o desaparecimento da morte em um país não nomeado. Diante deste acontecimento anormal – a população, o Estado e a Igreja – se inquietam com esse momento singular. Nos primeiros instantes, uma parte da população assume uma postura contente e extasiada com a possibilidade da eternidade como próspera, mas outra parcela da população demonstra uma postura receosa com as possíveis adversidades que estariam por vir nesta nova dinâmica existencial.

Frente a esta situação, os leitores saramaguianos sabem que no momento que a Literatura de José Saramago revira os sentidos das histórias, de características absurdas e inconcebíveis não ocorreria diferentemente em *As intermitências da morte*. No desenvolver da narrativa, todos se deparam com as consequências angustiantes que a ausência da morte ocasiona para as personagens, a exemplo, quando o narrador do romance se refere ao estado das personagens enfermas cujas doenças não melhoram nem pioram com o tratamento médico. Além dos doentes, os idosos também foram atingidos pela greve da morte, pois, sem ela, estas permaneciam em decrepitude indefinidamente. A partir destes acontecimentos, constata-se o início da alteração das circunstâncias habituais no romance: A expectativa da sociedade, que imaginava a eternidade como bela e harmônica é frustrada, porque a morte, ausentando-se, pune a vaidade do homem. Para o autor português, viver eternamente nunca foi uma boa opção, pois causaria danos à humanidade, por conta disto, José Saramago se serve da Literatura como meio de sensibilizar os leitores colocando seus romances diante dos absurdos que o homem convive cotidianamente, mas habituando-se a eles pela convenção social.

Posto isto, esta dissertação analisará as críticas construídas no romance em relação aos comportamentos sociais e institucionais a respeito da morte. O estudo trata dos recursos da sátira menipeia que são expressadas pelo narrador por meio de comentários sarcásticos e ridicularizantes sobre os acontecimentos do romance. Diante disso, o ponto abordado é a utilização dos recursos cômicos para discutir o papel da morte na existência humana, sendo assim, discute-se também aqui a questão: seria possível rir da morte?

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta três subcapítulos. Na primeira parte do trabalho em *Uma representação literária da morte* introduzimos a discussão

sobre a temática alegórica que o romance *As intermitências da morte* aborda com o público ao expor as consequências desastrosas que poderiam ocorrer na falta da morte, posto isso, a leitura provoca uma reflexão inquietante no indivíduo ao imaginar as penúrias de viver na imortalidade. Conquanto, a obra levanta questionamentos que desvelam as problemáticas do mundo real em relação a morte, de maneira que, atualmente convivemos em um sistema social e econômico que prevalece a excelência da produtividade humana - seja na produção intelectual, cultural e financeira - onde não são permitidos desvios sobre o progresso econômico-social, no entanto, a naturalidade da existência humana se apresenta como empecilho deste ideal ao lidarem com a morte, com isto, é neste momento que José Saramago expõe uma das maiores controvérsias do homem moderno. Em vista disso, esclarecemos por meio desta dissertação a necessidade da Literatura como uma mediadora entre autor e público para questionar a insensibilidade que os homens passam neste mundo contemporâneo na qual desrespeitam a própria mortalidade.

Em *José Saramago e as intermitências da morte* comentamos os pontos principais do romance saramaguiano, explicando ao respectivo leitor que trata-se de uma história na qual a morte desaparece sobre um país, em breve momento, a população apresenta uma recepção positiva com a ideia de serem imortais, contudo, a narrativa encaminha para um viés mais imprevisível ao revelar ao público que viver na eternidade é um percurso doloroso pelo fato de lidar com a velhice e a doença por todo o tempo. A partir disso, o subcapítulo desenvolve apontamentos e considerações que revelam as crises sociais e humanas (citadas em *Uma representação literária da morte*), a partir disso, o trabalho discute as motivações da narrativa apresentar um caráter denunciativo por meio do recurso alegórico para retratar a morte, além disso, o imaginário às avessas imprime um ambiente sobrenatural que se sobrepõe na narrativa e nas personagens, de maneira que, transpassa o terror das personagens para os leitores.

No subcapítulo *A Crise Religiosa* são analisados os comentários censuráveis e críticos que o romance saramaguiano apresenta contra a Igreja Católica e os agentes religiosos sobre os seus fiéis por meio dos dogmas religiosos. Diante disso, investigamos e debatemos a respeito do papel das instituições religiosas que contribuíram pelo crescimento e manutenção do temor dos indivíduos sobre a morte. A Igreja Católica difundiu o ideário da pós-morte, na qual, os fiéis são

recompensados ou punidos com o paraíso ou inferno que eram previamente definidos pelas atitudes em vida, posto isto, comentamos as respectivas censuras e denúncias que José Saramago revela aos leitores sobre tal discurso promovido pelas instituições religiosas e, como isto, afeta tanto quanto as personagens do seu romance como os homens que vivenciam cotidianamente no mundo real. Em vista disso, consideramos que a sátira torna-se um condutor eficiente para que o escritor possa expressar as insatisfações que sente ao observar as atitudes repreensíveis que os homens cometem entre si.

No subcapítulo *Relações entre envelhecimento e morte* comentamos a complexa relação do homem em elaborar e aceitar a vinda do envelhecimento na sua existência, em relação ao romance, alguns personagens conseguiram encontrar uma abertura para burlar o “castigo” da morte, contudo como se trata de uma narrativa saramaguiana, não encontraremos objetivos humanitários por parte destas personagens. O que a narrativa apresenta para os leitores é um cenário hostil e frio, de modo que, o lucro e a violência se sobrepõem como ordem. A partir destes aspectos conflituosos que são indicados pelo percurso da leitura, compreendemos, que a exige uma abordagem e debate sobre o temor que a sociedade sentem em vivenciar os processos do envelhecimento, como a repulsa das gerações jovens em se relacionar com gerações mais velhas, até mesmo cometendo atitudes etaristas. Por consequência, há um colapso generalizado nas casas de repouso, hospitais e etc por conta da ausência de assistência pela parte do Estado e dos familiares, vendo estas significativas rupturas morais e éticas, o nosso trabalho realiza uma leitura crítica sobre este afastamento e repulsa que a humanidade adquiriu sobre a velhice, visto que, identificamos passagens do romance que censuram tais comportamentos sociais sendo indispensável a análise deste assunto.

A segunda parte do trabalho é introduzida pelo capítulo *Meditação sobre a morte e a humanização*, na qual mantém a discussão sobre as vantagens lucrativas que as personagens conseguiram obter sobre a morte, mesmo havendo este momento inusitado na vida das personagens, algumas delas conseguem “burlar” a punição ao realizarem as travessias entre fronteiras para chegarem até a morte, contudo, a finalidade do romance é tentar corrigir os comportamentos censuráveis que apresentam, sendo assim, é esperado que estas trapaças feitas contra a morte acabem se afetando, a falta de amparo por parte do Estado é sempre retomada para ser

criticada pelo narrador satírico, até mesmo ironizando o comportamento hipócrita que apresentam durante a narrativa ao negociar com organizações criminais, diante de tantas falhas que são visualizadas no romance, este trabalho prossegue em discutir e analisar sobre os apontamentos críticos realizados por José Saramago sobre a relação entre instituição e sociedade e como o mecanismo da sátira consegue impor pontos de vistas questionadores que perturbam a ordem geral.

No subcapítulo *O distanciamento da morte* realizamos a discussão sobre os efeitos e as consequências que o afastamento da morte ocasiona sobre os indivíduos, como vem sendo dito no trabalho, as personagens começam a sentir uma enorme angústia e dificuldade de persistirem a viver na eternidade, diante desta penúria, o romance provoca a necessidade de refletir a maneira que isto ocorre na realidade. Nos dias atuais, vivenciamos um extremo impasse de lidarmos com a finitude da existência, de maneira que, buscamos técnicas para retardar a aproximação da velhice por meio da inovação de processos estéticos e cirúrgicos na tentativa de “melhorar” a autoimagem, contudo, a investigação proposta nesta dissertação compreende uma série de crises que podem surgir nesta relação da perseguição sobre a eternidade e, para que seja possível esta discussão na literatura saramaguiana, a adoção do recurso satírico torna-se um mediador essencial para revelar as anomalias e as distorções proporcionadas que a sociedade valoriza nos dias atuais, sendo assim, conviver com a morte tornou-se um hábito que está em desuso nas relações familiares, a preparação do velório ou até mesmo a partida do doente se tornaram situações terceirizadas e encarregadas por hospitais e agências funerárias.

Em *Memento Mori* o subcapítulo se dedica em comentar sobre este desejo social em apagar a presença da morte na sua própria existência, buscamos com este trabalho, em analisar alguns aspectos sociais sobre a relação do homem com a morte, em vista disto, a ideia de *Memento Mori* reforça a presença da imagem da morte no coletivo social desde a Idade Média, de maneira que, a juventude, a riqueza e as estratificações sociais são irrelevantes quando há o fim da existência do homem. Por conta deste contraponto avassalador que a morte representa na vida dos homens, esta na sua maior parte, é relacionada com elementos grotescos e exagerados que aumentam o temor da sua figura pelas características distorcidas, hiperbólicas e caricaturescas, posto isto, elaboramos e analisamos algumas considerações sobre a relação do temor que o homem sente sobre a própria finitude.

Em *A morte pode ser bela* comentamos algumas passagens selecionadas do romance que narram o retorno da morte no país que havia sido castigado. Para anunciar o seu próprio retorno, a morte envia cartas aos habitantes que comunicavam-lhes a sua volta e, posteriormente, o anúncio do fim dos destinatários. Contudo, uma destas cartas enviadas retorna para a morte, logo, ocasionando-lhe uma sensação de curiosidade sobre o acontecimento inédito. É a partir deste evento que a história desenvolve um novo olhar sobre a morte, pois, a nossa análise identifica que esta certa curiosidade da morte sobre a vida concede novas percepções desta relação que antes simbolizava apenas temor, angústia e repulsa, diante deste novo ponto de vista, a narrativa apresenta para o leitor: o afeto, a reciprocidade e o amor, por fim, esta dissertação se dispõe em conferir esta transformação que José Saramago considerou na construção da história para caracterizar uma morte mais afetuosa neste enredo.

No terceiro capítulo em *O compromisso social do escritor*, o estudo enfoca a discussão sobre a função social do escritor no mundo, assim, conferimos os efeitos e as repercussões que a Literatura saramaguiana percorre no circuito cultural. No romance *As intermitências da morte* identificamos as denúncias sociais que ocorrem na nossa realidade são retratadas na narrativa saramaguiana de maneira irônica, provocativa e crítica. Com base nisso, consideramos a relevância de analisar e discutir a responsabilidade profissional incumbida ao escritor como um agente cultural e social na qual promove mediações entre os temas sociais e o público, posto isto, a dissertação se propõe em destacar a relevância do trabalho da escrita como um processo que eleva os debates e prioriza o senso crítico, sendo totalmente contrária dos discursos propagandistas.

Posteriormente a esse capítulo, o subcapítulo *O temerário desejo humano de vida eterna* propõe reflexões sobre a ausência de preparo dos homens em lidar com a eternidade nas suas existências. O romance de José Saramago frustra os personagens e os leitores ao apresentar as más vivências que a sua narrativa impõe sobre todos, mesmo causando esse desconforto, o romance permite que vivenciem a experiência de sentirem a transformação que a dor ocasiona neles. Por mais que seja sofrível conviver com as condições da nossa realidade, José Saramago expõe os malefícios que a farsa e a ignorância causam na Humanidade, com isto, esta dissertação trouxe a leitura de *O imortal* de Jorge Luís Borges para acrescentar no debate sobre os

problemas que a eternidade traz para a civilização, da mesma forma que em *As intermitências da morte* na qual a imortalidade aparece na vida dos homens, no conto borgeano ocorre o mesmo fato, entretanto, o escritor argentino espanta os leitores quando mostra uma civilização em ruínas por conta da eternidade, a partir disso, dedicamos este subcapítulo para analisar a relevância que as duas obras realizam para a sociedade para discutir sobre a finitude por meio da literatura. Por último, em *A mediação de um diálogo distante* damos continuidade sobre a relevância de discutir sobre a necessidade da Literatura ser um meio para comunicar com o público para abordar questões relacionadas com a finitude. No subcapítulo, retomamos a discussão sobre as dificuldades que os indivíduos sentem ao enfrentar o seu próprio fim e, como, os autores Borges e Saramago revelam caminhos desastrosos e degradantes para a civilização quando esta insiste em desejar a eternidade.

1. UMA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA MORTE¹

Neste capítulo serão discutidas as reflexões contidas na representação literária da morte construída na obra *As intermitências da morte*, objeto primordial desta investigação. Diversas leituras foram aqui reunidas sobre as convicções do escritor português sobre o seu olhar em relação à sociedade e ao mundo. A partir da grande intensidade do progresso e da produtividade nos meios de trabalho e do estímulo das brevidades das vivências humanas, José Saramago nos relembra sobre a presença da morte, de modo que leva-nos à reflexão: haverá valor que possa corromper a morte?

A relação entre a morte e José Saramago era um dos assuntos discutidos pelo autor quando ainda estava em vida, na organização da obra *As palavras de Saramago* (2010), o autor Fernando Gomez Aguilera reuniu diversas entrevistas e declarações do escritor que abordam desde os assuntos literários, filosóficos e sociais até temas mais aprofundados que são abordados em suas obras, entre eles, a morte.

Em *As palavras de Saramago* é notória a manifestação do autor sobre a relevância da morte na existência humana. Para o escritor, morrer é um ato natural como o nascer, de maneira que todos nascem e todos vivem com a consciência de que morrerão. Evitar ou prolongar a aceitação da finitude dificulta enormemente o processo de assimilação sobre alguns processos, como: a velhice, o adoecimento, a angústia e o fim, sendo assim, o desejo incessante pela eternidade impossibilita a convivência com a fragilidade humana, pois é por meio da finitude que é ensinada a noção de perda.

Eu não estaria tão seguro de que a vida se eleva acima da morte. Quase diria que são irmãs, que aonde uma vai a outra acompanha e que não há mais remédio. Nós estamos morrendo em cada momento, começamos a morrer quando nascemos e vamos nessa direção fatalmente. Algumas células do nosso corpo se regeneram, outras são substituídas, mas outras morrem e, portanto, somos um corpo vivo onde esteve a morte. Nós transportamos nossa própria morte. E é preciso ter isso claro. A morte não é a inimiga que chega, na qual nós não estávamos pensando, ficamos surpresos e perguntamos: como é que a senhora aparece aqui? Não, não, não temos porque nos surpreender. Ela está aí, ao nosso lado e temos de viver com ela (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.171)²

Levando isto em conta, este estudo destaca a relevância da literatura de José Saramago como estimuladora de reflexões sensibilizadoras e críticas através dos seus romances, principalmente com a narrativa de *As intermitências da morte* (2005), em que discute sobre o distanciamento da morte na existência humana. Tal projeto literário

¹ Este capítulo é o desenvolvimento de uma publicação intitulada “Por trás do riso da morte: análise sobre as manifestações satíricas em *As intermitências da morte* de José Saramago, realizada na revista *Cadernos Acadêmicos - Conexões Literárias*. n1. UNIFESP/SP - Leituras, Guarulhos-SP, p.129-146, dez.2021.

² “En busca de un nombre”, *La Jornada* (Suplemento *La Jornada Semanal*). Cidade do México, 8 de março de 1998 [Entrevista a Juan Manuel Villa-Lobos]

permitiu que o escritor dialogasse com seus leitores, pois ao criar um mundo às avessas, leva o leitor ao encontro de histórias que manifestam o absurdo, cuja proposta transparece ser irônica, já que as histórias narradas no romance assemelham-se ao mundo real.

O mundo às avessas inserido na narrativa consegue destacar os efeitos da ausência da morte e as consequências deste fato. Mesmo havendo o desaparecimento da morte, a sua presença permeia as falas das personagens – nomeando, exaltando ou difamando – de modo que as personagens demonstram aos leitores por meio dos seus comentários que evitar a própria morte cria uma insegurança social vivenciada por todos, especialmente, por figuras maiores: as instituições religiosas.

As religiões, todas elas, por mais voltas que lhes dermos, não têm outra justificação para existir que não seja a morte, precisam dela como do pão para a boca. Os delegados das religiões não se deram ao incômodo de protestar. Pelo contrário, um deles, conceituado integrante do sector católico, disse, Tem razão, senhor filósofo, é para isso que nós existimos, para que as pessoas levem toda a vida com o medo pendurado ao pescoço e, chegada a sua hora, acolham a morte como uma libertação. (SARAMAGO, 2005, p.36)

O excerto acima reflete sobre o papel das instituições religiosas na vida dos indivíduos, as quais utilizam a figura da morte como método punitivo ou libertador. Sendo assim, a morte é punitiva quando os costumes morais empregados pela religião são descumpridos, ou pode ser libertadora quando os indivíduos ganham o seu “espaço” prometido no reino dos céus, de qualquer forma, as instituições religiosas potencializam o sentimento de culpa ou remorso nos fiéis e os coagem por meio disto.

O problema da Igreja é que ela necessita da morte para viver. Sem morte não poderia haver Igreja, porque não haveria ressurreição. As religiões cristãs se alimentam da morte. A pedra angular sobre a qual se assenta o edifício administrativo, teológico, ideológico e repressor da Igreja desmoronaria se a morte deixasse de existir. Por isso os bispos do romance [*As intermitências da morte*] convocam uma campanha de oração para que a morte volte. Parece cruel, mas sem a morte e a ressurreição, a religião não poderia continuar dizendo que devemos nos comportar bem para viver a vida eterna no além. Se a vida eterna estivesse aqui (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.128)³

O diálogo estabelecido por José Saramago com a morte desdobra uma variedade de discussões sociais e existenciais. Tais receios e angústias apontados pelo autor no romance são maneiras de utilizar os mecanismos da literatura como processos de assimilação do assunto abordado. Como é comentado pelas autoras Bordini e Aguiar (1988), a literatura apresenta um desempenho de contribuição social, que aprimora as relações entre os indivíduos, sendo assim, esta dissertação acredita que *As intermitências da morte* desempenha este mesmo papel que permite refletir sobre alguns

³ “Me pregunto qué pasaría si fuéramos eternos”, El País, Madrid, 14 de novembro de 2005 [Entrevista a Miguel Mora]

aspectos delicados, como: a angústia do homem, a culpa religiosa, os deslizos morais entre outros fatores. Portanto, a literatura permite que José Saramago consiga desenvolver a sua função de artista e intelectual crítico sobre temas que circulam nas esferas sociais e filosóficas, colocando isto em prática estética, porque falar de morte se tornou um assunto imprescindível.

[...] O livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo. Ao decifrar-lhe o texto o leitor estabelece elos com as manifestações culturais que lhe são distantes no tempo e no espaço. A ampliação do conhecimento que daí decorre permite-lhe compreender o presente e seu papel histórico. O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. (BORDINI-AGUIAR, 1988, p. 09-10)

Como Bordini e Aguiar dissertam sobre a contribuição da formação de conhecimento social e individual que a literatura proporciona ao leitor, é possível considerar a opção de que ela apresenta novas leituras sobre o mundo por meio dos discursos e suas respectivas ideologias. Em *Diálogos com Carlos Reis* (1998), o escritor é questionado se existe alguma maneira de convivência entre ideologia e a literatura e como o escritor assume este papel.

Sua resposta:

Creio que haveria que fazer algumas distinções. Está claríssimo que a ideologia como sistema de ideias geral depende das circunstâncias sociais e políticas, bem como de um conjunto de elementos, uns que vêm da tradição cultural, outros que são de ordem ética, outros ainda que têm que ver com a religião, com o sistema de poder que funciona numa dada sociedade - e isso toca a todos, porque toda a gente, escritor ou não, vive imerso nessa espécie de caldo. O que significa que nem sequer é legítimo pensar que se poderia viver fora dessa espécie de mar, porque aí é onde se respira, aí é onde se está, é onde nos alimentamos no plano mental. Entendida a ideologia assim, não colocamos este tipo de questões, porque vivemos aí naturalmente e não podemos viver fora daí. (SARAMAGO apud REIS, 1998, p.52)

A partir deste comentário, é possível interpretar que o texto no qual a literatura é encarregada é passível de ser preenchido por atravessamentos de ideologias ou discursos manifestados pela linguagem, portanto, neste momento, José Saramago assume a responsabilidade do papel de escritor em ser cauteloso com a composição literária das suas obras a fim de evitar uma literatura limitada aos círculos panfletários e militantes. Por fim, compreendemos que o romance *As intermitências da morte* não têm como intuito moralizar ou acusar os indivíduos diante da própria finitude, ao contrário, o romance tenta alertar e refletir sobre as problemáticas da sociedade nesta era pós-moderna.

Logo, esta investigação reflete sobre a relevância da literatura saramaguiana ao abordar o tema da morte e como este desempenho impacta os respectivos leitores das

suas obras, pois, algo que o autor português consegue retratar muito bem nas suas obras é a Humanidade nas suas diversas óticas no meio político, econômico e social, contudo, o escritor consegue balancear as medidas entre a sensibilidade e a racionalidade, de modo que, talvez, haja possibilidade de sermos mais humanos se houver mais comprometimento com os fatos que nos cercam a cada dia.

Em resumo, a literatura de José Saramago não concede uma verdade sobre como lidar com os acontecimentos da vida, porém, instiga ao leitor a questionar as ordens que regem o mundo, sendo assim, a investigação deste estudo tenta reconhecer os questionamentos que o autor português provocava ao falar sobre um tema tão silencioso na sociedade atual: a morte.

A sua escrita é uma poética do saber que conduz a um novo regime de verdade em que se perde a capacidade de distinção entre o próprio e o figurado e em que José Saramago contrapõe a angústia e a dúvida a ironia e o jogo. Em vez de procurar um tipo de reflexão, um tipo de filosofia, obcecado por chegar à verdade do mundo, José Saramago constrói discursos abertos e dialogantes, sem preocupação de atingir a verdade única. Na sua obra a verdade surge no interior de um espaço que se vai construindo com a leitura. (ARNAUT, 2008, p.151-152)

Como é mencionado por Arnaut, a capacidade criativa do processo de escrita de José Saramago não depende da objetividade de encontrar uma verdade absoluta e inquestionável, pelo contrário, suas obras incitam o valor do questionamento, da dúvida e do mistério que são inexplicáveis no processo do viver, diante disso, o nosso trabalho também considera a responsabilidade que a Literatura se propõe em ceder o espaço ao leitor para compor as próprias percepções da realidade que convive, com isto, o romance *As intermitências da morte* não tem como propósito de impor a única maneira de se conviver com a morte mas traz ao seu leitor a ideia de conviver com o seu próprio fim.

1.1 JOSÉ SARAMAGO E AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE

Neste subcapítulo, apresentamos os pontos principais sobre o romance e o seu autor. A investigação tem como objetivo esclarecer alguns aspectos sobre José Saramago e o desenvolvimento das narrativas em alguns seus romances, particularmente em *As intermitências da morte*. O começo do percurso literário de José Saramago se demonstra diferente na construção das narrativas e das personagens, principalmente, no fato de ainda haver alguns resquícios da normatividade das pontuações e sinais que são encontrados em *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977). No entanto, é a partir de *Levantado do Chão* (1980) que a crítica literária começou a contemplar o surgimento da força de José Saramago na literatura, porque, a partir desta obra, muitas outras foram originadas com teor crítico, histórico e filosófico, como: *Memorial do Convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *História do Cerco de Lisboa* (1989) entre outros, contudo, percebemos que os cenários e as personagens ainda estão estabelecidas, visíveis e nomeadas, algo que já não ocorre com os romances *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), onde há a supressão da identificação de nomes dos personagens e dos espaços contidos na narrativa. Com isso, a forma de abordar temáticas que envolviam as pulsões da humanidade tornou-se universal nos enredos saramaguianos, de modo que qualquer leitor poderia se identificar com as passagens dos romances.

Ferreira (2014) disserta a respeito da discussão sobre a narrativa saramaguiana e comenta sobre as mudanças que foram realizadas pelo autor ao representar o que constitui os homens - as pulsões, a moralidade, a ética etc. José Saramago apresenta personagens historicamente localizáveis – fundamentos da metáfora “estátuas” – que permitem os leitores reconhecerem o tempo e o espaço em que as personagens se movem. Por outro lado, o fundamento da metáfora “pedra” (matéria da “estátua”) aplicada a seus romances - revela as nuances das condições humanas, o leitor não consegue ser indiferente à leitura de obras com fundo mais universalizante, já que tudo que é posto na obra apresenta reflexões íntimas sobre o ser e a sociedade que está inserido:

[...] Mesmo nas entrevistas, Saramago exercita seu gosto certo por figuras. A “estátua” de que fala pode ser lida como a fixação, a partir do patamar do objetivo da história e da realidade circunstancial, das dissonâncias das experiências subjetivas. A partir de *Ensaio sobre a cegueira*, essas dissonâncias assumem o patamar e a convertem-se na “pedra” moldada até o *Ensaio sobre a lucidez* (2004). O *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), portanto, pontua o ciclo sobre a revisão do passado histórico e os livros seguintes se voltam para a teatralidade das representações, até que Caim (2009) e *A viagem do elefante* (2008), circularmente, redirecionem o ciclo.

(FERREIRA, 2014, p.224)

Posto isto, o romance *As intermitências da morte* persiste nesta narrativa da fase da pedra, mais universal e filosófica, em que é narrada a decisão da morte de realizar uma greve e, como consequência disso, os indivíduos deixam de morrer e começam a conviver com a imortalidade. Em primeiro momento, como já observamos, os cidadãos ficam extasiados com a ideia de viverem eternamente, no entanto, como José Saramago afirma em uma entrevista “ O pior que poderia acontecer ao homem seria não morrer, porque uma vida eterna se transformaria numa velhice eterna. É necessário imaginar como viveríamos cem, mil ou 1 milhão de anos num corpo envelhecido.” (AGUILERA, 2010, p.174)⁴. A partir desta perspectiva, gradativamente estabelecida no romance para o leitor, o narrador desestabiliza o ambiente da história, porque é diante da instauração da eternidade que ocorrem as situações adversas, como: a superlotação dos hospitais e das casas de repouso, a instabilidade política e religiosa e a inquietude dos indivíduos em permanecerem na velhice e na doença.

Também os diretores e administradores dos hospitais, tanto do estado como privados, não tardaram muito a ir bater à porta do ministério da tutela, o da saúde, para expressar junto dos serviços competentes as suas inquietações e os seus anseios, os quais, por estranho que pareça, quase sempre relevavam mais de questões logísticas que propriamente sanitárias. Afirmavam eles que o corrente processo rotativo de enfermos entrados, enfermos curados e enfermos mortos havia sofrido, por assim dizer, um curto-circuito, ou se quisermos falar em termos menos técnicos, um engarrafamento como os dos automóveis, o qual tinha a sua causa de permanência indefinida de um número cada vez maior de internados. (SARAMAGO, 2005, p.27-28)

Como exemplo das situações citadas anteriormente, o excerto acima revela o desespero das organizações hospitalares ao se depararem com o acúmulo de enfermos hospitalizados. Conforme José Saramago afirmou, desejar a imortalidade é perigoso, pois as consequências desta vontade são desconsideradas. Além disso, como tal reclamação é apresentada pelo narrador, os enfermos são equiparados como objetos que “engarrafam” o sistema de saúde e, que precisam ser “retirados” urgentemente para aliviar o fluxo de pacientes nos hospitais. O narrador apresenta aos leitores a ânsia por uma rápida resolução, representando uma comoção entrelaçada com os efeitos ambíguos que a modernidade trouxe para as relações humanas. Tal sensação atrelada aos modelos progressistas e produtivos, resulta na consumação da virtude do indivíduo, de acordo com Ariès: “uma vez morto, tudo vai bem, no melhor dos mundos, em contrapartida, é difícil morrer” (ARIÈS, 2012, p.273).

⁴ No soy pesimista, es el mundo que es pésimo, El diario Montañes, Santander, 11 de julho de 2006 [Entrevista a Gonzalo Sellers]

A morte é inicialmente colocada neste lugar em *As intermitências da morte* como deve-se morrer no instante adequado, quando não há mais cura possível nem chance de sobrevivência. No entanto, é neste quesito que ela decide impor o seu maior castigo à leviandade humana, decidindo que todos serão obrigados a encarar o terror com que a eternidade os presenteia: a velhice e a doença como estados eternos. Neste interminável padecimento instalado com a ausência da morte, o moribundo perde a autonomia sobre a sua existência e, para agravar a situação, a falta de compadecimento torna-o extremamente solitário durante a trajetória, como Ariès comenta:

Naturalmente, na verdade nunca foi fácil morrer, mas as sociedades tradicionais tinham o hábito de rodear o moribundo e de receber suas comunicações até seu último suspiro. Hoje, nos hospitais e clínicas em particular, não há mais comunicação com o moribundo. Ele não é mais escutado como um ser racional, é apenas observado como um caso clínico, isolado, na medida do possível, como um mau exemplo, e tratado como uma criança irresponsável, cuja palavra não tem sentido ou autoridade. (ARIÈS, 2012, p.273)

Diante desta denúncia representada no romance, o papel social da literatura é revelado como um instrumento que fomenta diversos diálogos e discussões difíceis e desordenados no meio social. A obra *As intermitências da morte* identifica uma problemática, que supostamente, está distante da nossa realidade. Dizemos “supostamente”, pois no plano da realidade a morte continua a matar, porém, os enfrentamentos no romance, como: a precariedade no domínio da saúde, a superlotação de hospitais, o medo da velhice e a procura da juventude, espelham os desafios que mobilizam a sociedade contemporânea em sua relação inalienável com a morte. Posto isto, é de grande estima perceber que a literatura saramaguiana consegue desvendar os olhos acomodados da sociedade e promover um olhar elucidativo sobre a atualidade.

Para ocorrer este processo de assimilação com a realidade, a fantasia formada pelo romance *As intermitências da morte* permite que a narrativa seja construída por meio das alegorias que auxiliam na compreensão do leitor, entretanto, por mais que o cenário apresente um elemento alegórico e imaginativo, a motivação da morte em desejar se ausentar representa mais os interesses que ocorrem no mundo real.

Em primeiro lugar, a alegoria implica a existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras; nos diz às vezes que o primeiro sentido deve desaparecer, e outras que ambos devem estar juntos. Em segundo lugar, este duplo sentido está indicado na obra de maneira explícita: não depende da interpretação (arbitrária ou não) de um leitor qualquer (TODOROV, 1980, p.35)

Para Todorov, a alegoria pode apresentar sentidos sob a mesma palavra, que necessitam de uma interpretação, enquanto outras alegorias são explícitas e não precisam disto. A alegoria representada neste romance saramaguiano representa de uma maneira

evidente a morte como uma forma de mobilizar a atenção dos seus leitores para a reflexão sobre problemáticas apresentadas pela narrativa.

Além do recurso alegórico, um traço marcante na literatura saramaguiana é apresentado quando o autor retrata a maioria das personagens das suas obras de uma maneira universal - como foi explicado anteriormente sobre a fase da pedra - sendo assim, as características, os nomes e as identidades das personagens não são relevantes na narrativa saramaguiana, portanto, motivando os leitores em decifrar os romances.

De acordo com Ana Paula Arnaut:

[...] tal recurso estilístico coloca este autor como produtor de metaficções, em que os movimentos sincrônicos de releituras e auto-interrogação refletem as próprias posições existenciais e críticas. Os seus romances surgem-nos, então, como uma metáfora de transformação de um narrador obsessivo que tudo nos quer explicar. (ARNAUT, 2008, p.150)

Logo, essa falta de identificação ou a ausência de rosto semelhante realizam um efeito no leitor, de maneira que este começa a refletir sobre as semelhanças dos seus próprios comportamentos e do seu mundo. Além desse reflexo comportamental e social que o romance indica ao seu público, o mesmo apresenta as desavenças com que o Estado convive por haver a necessidade de justificar e solucionar as adversidades trazidas pela imortalidade ao país, entretanto, as decisões políticas efetuadas são comentadas pelo narrador e apresentadas como insensatas ao público leitor. A falta de juízo das personagens produz o efeito cômico durante a leitura, a exemplo de quando as instituições demandam soluções para os episódios de superlotação dos hospitais e asilos ou a reparação financeira das funerárias e seguros de vida. O Estado sente-se acuado em remanejar tais assuntos, sendo revelada uma forte crítica de José Saramago sobre as posturas dos governantes em relação aos compromissos sociais.

De acordo com Aguilera:

Nesse novo rosto, de um modernismo tardio, do capitalismo, encarnado nas multinacionais, ele (Saramago) identificou uma nova forma de totalitarismo, que determina as políticas públicas, convertendo os governos em comissários do poder econômico. Diante das tendências uniformizadoras, costumava assinalar o paradoxo dos recuos das identidades e os fenômenos de automatização que surgem como contraponto, estimulados pela energia globalizante, enquanto lamentava o desaparecimento acelerado das culturas e da diversidade, como consequência das práticas de absorção e homogeneização inerentes a esse processo transfronteiriço. Sem deixar de usar da ironia, costumava dizer que, se conseguisse universalizar os direitos humanos, ele se tornaria o mais fiel partidário da globalização. (AGUILERA, 2010, p.427)

As intermitências da morte consegue reunir arcos importantes para retratar os comportamentos repreensíveis que a sociedade apresenta, em geral, os pontos mais criticados são: religião, política e economia. Tais temáticas sempre estiveram presentes

no discurso de José Saramago, pelo fato de prevalecerem e determinarem as vivências dos indivíduos contemporâneos. A partir disso, o escritor reúne as baixezas de cada tema para apresentar as suas facetas ardilosas e conscientizar o leitor do romance por meio da leitura.

De forma perspicaz, o narrador consegue demonstrar a ineficiência das instituições, quando acrescenta os elementos da anormalidade e da irracionalidade. As instituições e os indivíduos não conseguem controlar o imaginário, o ilógico e o sobrenatural. A consciência do leitor desperta a partir das ineficiências narradas, pois essas se tornam punitivas com as personagens. Consequentemente, como é próprio da sátira, proporciona uma apreensão moral da existência humana.

De fato, o sobrenatural não se manifesta no cotidiano, porém, a literatura possui a linguagem e a criação como matérias-primas para promoverem esta experiência única, imaginativa e, até mesmo, apreensiva. Além disto, o delineamento da obra busca que os leitores compreendam a importância do valor que a morte tem na nossa existência. É neste ponto crucial que este estudo analisa a tessitura do romance saramaguiano em pauta para desenvolver sua proposta de análise literária.

O que se revela para os leitores é a tendência desilusória que a realidade impõe sobre os desejos dos homens. Atualmente, a sociedade convive com diversas questões problemáticas, seja na constituição do coletivo ou do indivíduo, assim, os sintomas somáticos que adoecem constantemente a humanidade são provavelmente consequências que a pós-modernidade nos impõe. A partir disso, o que resta de tentativa de resgate ou permanência da consciência humanista é a Literatura, acreditamos neste estudo que o papel da Literatura vai além da apreciação estética, o gênero literário promove a agitação no consciente do homem.

Uma tendência que, em termos englobantes, reflecte o modo como se desenha e se constrói (também como se desconstrói) a arquitectura interna do romance. Em termos genéricos, se no passado o autor permitia o cumprimento do contrato coleridgiano que conduzia à suspensão voluntária da descrença, a tendência contemporânea aponta no sentido inverso - o da suspensão voluntária da crença (na história, e na História, e na sua concentração). É agora possível, pois, observar-se a destruição da ilusão criada pelas ficções anteriores, essas em que a quase ausência de intromissões do narrador, quer acerca da história quer acerca do modo como esta se tece, transportava o leitor para o mundo de ilusão narrativa para um real cuja validade equivalia ao tempo de leitura. (ARNAUT, 2008, p.211-212)

A literatura saramaguiana propõe dialogar com o leitor sobre os acontecimentos problemáticos enfrentados pela sociedade contemporânea, especialmente, as interferências das relações de opressão sofridas pelas classes menos favorecidas, politicamente e economicamente, que resultam no adoecimento desta população. No

sistema produtivo no qual a sociedade é inserida e pressionada a viver, apesar de conseguir contornar as situações desagradáveis e angustiantes, aceitar as condições sociais e trabalhistas no mundo contemporâneo tornou-se questão de sobrevivência, logo, o dinheiro e o tempo tornaram-se sinônimos no vocabulário cotidiano, posto isto, compreendemos que vivenciamos uma grande crise humanista.

[...] A crise do humanismo está ligada à perda da subjetividade humana nos mecanismos da objetividade científica e, mais tarde, tecnológica: da crise geral de civilização que se desenvolveu assim só se sai através de uma recuperação da função central do sujeito, que continua. no fundo, a não ter dúvidas sobre a sua verdadeira natureza, apenas externamente ameaçada por um conjunto de mecanismos de desumanização possa indicar que há algo não funcionando na estrutura desse sujeito.(VATTIMO, 1996, p.22)

Diante deste problema estrutural apontado por Vattimo (1996), que indica a redução da subjetividade humana em nome da capacidade de produção, José Saramago em *As intermitências da morte* traz a reflexão sobre este estado latente em que a sociedade convive consigo mesma evitando a discussão sobre os assuntos que mais fundamente definem sua humanidade, até mesmo envolvendo a própria finitude. De acordo com Calbucci (1999), José Saramago é “um escritor que ultrapassou sua formação neorrealista (e mesmo realista-naturalista) para atingir uma literatura mais experimental que encontra par no Realismo Fantástico” (CALBUCCI, 1999, p.91). Segundo o ensaísta, o autor atrela as questões pertinentes no meio social e as transpõe ao mundo literário por meio do recurso fantástico ou imaginativo, uma maneira talentosa de contar histórias por novos olhares, sem a necessidade de ser direto e austero com aqueles repreendidos. Por fim, José Saramago consegue exercer o seu papel como escritor ao transferir estas reflexões existenciais e filosóficas ao mundo literário, de modo que a linguagem literária torna-se um mecanismo de aproximação e sensibilização com os leitores.

1.2 A CRISE RELIGIOSA

Neste subcapítulo abordaremos a relação crítica que a obra *As intermitências da morte* estabelece com as instituições religiosas, principalmente a Igreja Católica. Constantemente evocada nos textos de José Saramago, a religiosidade condenatória e moralizadora é uma temática importante na obra do escritor português. A pesquisadora Ana Paula Arnaut considera que algumas das obras, como: *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*, retratam a redução da manifestação da religiosidade nas personagens, posto isto, para que houvesse progressão da perspectiva humanista das personagens há a necessidade de atenuar a presença religiosa neles.

A não-aceitação da herança dos códigos religiosos, respeitantes a um Deus-ideia arquetipicamente pré-existente como “criador segundo de uma religião de medo que precisava de uma Sexta-Feira para ser igreja” (*Manual de pintura e caligrafia*, p.144-145), intensifica-se nos romances *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ou *Ensaio Sobre a Cegueira*. Em concomitância com a descrença no poder do(s) deus(es) é possível observar a progressiva admissão da crença no poder do Homem, seja ele um dos trabalhadores do latifúndio alentejano, uma das pessoas da trindade terrestre que eleva no ar o sonho quimérico de Bartolomeu Gusmão ou uma mulher do médico que, apesar de todas as dificuldades, redime os valores humanos e humanitários. Deus, afinal, parece nem sequer merecer ver os homens daí que, em *Ensaio sobre a cegueira*, as estátuas da igreja apareçam com os olhos tapados (cf. Juan Arias, op. cit., p.99) (ARNAUT, 2008, p.196)

Questionar a figura de Jesus Cristo é visto na sociedade atual como uma atitude polêmica, pois revela uma posição de desafio contra uma das instituições religiosas mais antigas e poderosas na História. Em *As intermitências da morte*, esta postura questionadora é uma das partes mais críticas do romance, já que a narrativa propõe a negação da morte como um fator conflituoso entre religião e sociedade. Na obra, as instituições religiosas e seus responsáveis são descritos pelos seus comportamentos demagógicos e autoritários.

Quando a morte abandona as suas atividades, cria-se uma situação desesperadora para a Igreja Católica, pois uma das maiores contradições religiosas acabara de ser criada, porque “sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja” (SARAMAGO, 2005, p.18). Posto isto, José Saramago constrói um diálogo entre o bispo e o primeiro-ministro que debatem sobre a emergente preocupação no setor religioso:

Diga, Que irá fazer a igreja se nunca mais ninguém morrer, Nunca mais é demasiado tempo, mesmo tratando-se da morte, senhor primeiro-ministro, Creio que não me respondeu, iminência, Devolvo-lhe a pergunta, que vai fazer o estado se nunca mais ninguém morrer. O estado tentará sobreviver, ainda que eu muito duvide de que o venha a conseguir, mas a igreja, A igreja, senhor primeiro-ministro, habituou-se de tal maneira às respostas eternas que não posso imaginá-la a dar outras, Ainda que a realidade as contradiga, Desde o princípio que nós não temos feito outra coisa que contradizer a realidade.

(SARAMAGO, 2005, p.20)

Com uma postura fortemente denunciadora, a narrativa de *As intermitências da morte* apresenta a tentativa de a Igreja Católica manter sua influência por meio da fé que não se restringe ao domínio religioso, disseminando-se pelas esferas sociais, econômicas e políticas. Sem morte, o poder político da Igreja é enfraquecido e o grande receio dessa permanência é satirizado na obra.

Huizinga, em *O Outono da idade média* (2015), reflete sobre a imagem da morte no período da Idade Média e questiona o pensamento religioso a respeito da temática. O autor discorre sobre como a ordem religiosa concebeu a imagem sobrenatural e temível da morte, de modo que a religião implementou uma consciência moralizadora – *memento mori* – e, por meio dela, mantinha sob controle os desejos dos fiéis, pois a ideia de julgamento após a morte assustava os indivíduos.

A Igreja reduzia a existência humana a algo vaidoso, efêmero e material, buscando, desta forma, limitar as ações, as vontades e os pensamentos dos indivíduos por meio da culpa cristã e do inculcamento de uma crença na vida após a morte, desse modo, A igreja condenava os fiéis que desobedeciam os preceitos católicos e que arriscavam passar a eternidade no inferno. Assim, a Igreja em nenhum momento promoveu o espírito questionador, pois sempre propôs as próprias regras, dogmas e verdades incontestáveis. Aqueles que contestavam ou refutavam as verdades religiosas eram vistos como espíritos corrompidos que deviam ser castigados e até mesmo mortos.

Neste ponto é interessante discutir como os discursos podem conduzir as formações sociais e subjetivas do homem, a exemplo disto, na obra *Ideologia* de Terry Eagleton são abordados os efeitos que os discursos podem acometer sobre os homens. Conforme Eagleton, a formação discursiva consiste na reunião de regras diferenciadas a partir da posição social, logo, o autor cita a teoria de Pêcheux sobre o fenômeno do "interdiscurso" em que cada formação discursiva está atrelada à formação ideológica, juntamente com suas práticas discursivas e não discursivas.

Cada processo discursivo, portanto, está inscrito, portanto, está inscrito em relações ideológicas e será internamente moldado pela sua pressão. A própria linguagem é um sistema “relativamente autônomo”, compartilhado igualmente por operário burguês, homem e mulher, idealista e materialista, mas, justamente porque forma a base comum de todas as formações discursivas, torna-se o veículo de conflito ideológico. (EAGLETON, 1998, p.173)

Seguindo este ponto, a Igreja tem o receio de perder o controle sobre a sociedade, pois sem a morte é possível a contestação de alguns preceitos religiosos fundamentais, havendo uma inversão do sentido, por meio da qual a fantasia propõe diversas maneiras

de lidar com a realidade. Assim, o romance de Saramago em análise possibilita a hipótese de refletir sobre uma maneira de viver sem o receio de ser punido depois da morte. José Saramago, com sua sagacidade, conseguiu eliminar as facetas ocultas da religião recorrendo ao mundo às avessas, no qual aponta as intenções veladas da Igreja. A exemplo disto, em *Uma longa viagem com José Saramago*, em entrevista a João Céu e Silva, são retratadas diversas questões sobre: a literatura, a obra e a escrita. Quando lhe é perguntado se as ideologias não são pertinentes no processo de construção dos seus romances, Saramago responde: “ [...] As ideologias estão todas aí, a Igreja é uma fábrica ideológica, as ideias estão aí... O que se passa é que as condições para que o pensamento, digamos, racionalista actue e possa influir na sociedade estão bastante limitadas.” (SILVA, 2008, p.125). Logo, nosso estudo entende que o recurso satírico - mundo às avessas - permite expressar singularmente o absurdo narrado no romance e encenar ações e discursos que se refletem e refratam na sociedade.

De acordo com Soethe, “a sátira retrata direta ou indiretamente o mundo real, e, ao mesmo tempo, representa o perfil dessa ordem verdadeira, ou seja, do ideal que serve ao autor satírico como parâmetro de julgamento da realidade” (SOETHE, 1998, p.15). Neste ponto, compreende-se que a crítica à Igreja é algo que a narrativa do romance constrói para expor livremente uma visão sobre a instituição e suas imposições aos seus seguidores. Convém esclarecer que a espiritualidade não é atacada, pois o que a narrativa de *As intermitências da morte* evidencia é a ausência de compaixão das autoridades religiosas que demandam explicações ao Estado sobre o que motivou a morte a se ausentar. Tal comportamento é censurado pelo narrador ao constatar que a Igreja não se compadece dos indivíduos que estão sofrendo com a nova situação.

A Igreja Católica confundiu-se muitas vezes – demasiadas vezes – com uma associação de criminosos. Inventou a Inquisição para vigiar o grau de fidelidade às crenças cristãs, sobretudo na sua versão católica, e a partir daí organizar um sistema repressivo implacável e de uma crueldade absolutamente diabólica que nega qualquer direito que a Igreja suponha ter para interferir na vida de cada um. Que, no fundo, é o que ela quer, a Igreja não está nada preocupada com a minha alma ou com a sua – ela própria tem muitas dúvidas sobre essa questão de haver alma – porque o que quer controlar é o meu corpo e o seu corpo e para purificar-se e assim acumulou um passivo nestes 2 mil anos de uma lista de mortos interminável por causas distintas (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p.130)

A Igreja sempre necessitou da morte para justificar a sua existência e, para reafirmar isso, os comentários dos próprios agentes religiosos revelam esta insegurança durante os diálogos da obra, conforme visualizado no seguinte excerto: “as religiões, todas elas, por mais voltas que lhes dermos não tem outra justificação para existir que não seja a morte, precisam dela como do pão para a boca.” (SARAMAGO, 2005, p.36).

Em suma, José Saramago consegue abordar criticamente a maneira como a Igreja Católica promove o seu poder sobre a sociedade. Além disso, graças a um narrador satírico, a leitura social apresentada ao público se sintetiza da seguinte maneira: a Igreja Católica não realiza seus atos somente pela fé, ao contrário, a fé serve de instrumento para impulsionar a instituição e mantê-la absoluta e inalcançável. No entanto, José Saramago nos entrega uma ligeira consciência de que se houvesse algum período em que todos deixassem de morrer temporariamente, provavelmente, não restaria nenhuma motivação para temer o castigo de Deus e, conseqüentemente, nenhum receio de viver nem de morrer.

1.3 RELAÇÕES ENTRE ENVELHECIMENTO E MORTE⁵

Neste subcapítulo será comentada a relação sobre os temas do envelhecimento e morte que são destacados nesta obra, com tom de criticidade no tratamento da sociedade ao representar o envelhecimento da população e a aproximação do indivíduo com a morte. Como havia sido comentado, o romance representa os comportamentos condenáveis das personagens, a exemplo disto, a obra apresenta a atitude censurável de promover o valor mercadológico da morte, de modo que, durante a narrativa do romance, o Estado e a população vivenciam os impasses que a imortalidade impôs a eles. O caráter insensível de algumas personagens, entretanto, consegue tratar o momento angustiante como uma vantagem lucrativa diante do envelhecimento e da morte. Posto isto, a população percebe que, se todos vivessem na imortalidade, seriam obrigados a conviverem com uma nova realidade na qual as novas gerações seriam pressionadas a cuidarem das gerações mais velhas por toda eternidade. Diante disso, uma parcela da população refutou esta condição e responsabilidade sobre a geração mais velha, deslocando a responsabilidade de cuidados para os lares de idosos e, consequentemente, superlotando-os:

[...] os lares da terceira e quarta idade não queriam nem pensar num futuro de trabalho em que os objectos dos seus cuidados não mudariam nunca de cara e de corpo, salvo para exhibi-los mais lamentáveis em cada dia que passasse, mais decadentes, mais tristemente decompostos, o rosto enrugando-se, prega a prega, igual que uma passa de uva, os membros trêmulos e duvidosos, como um barco que inutilmente andasse à procura da bússola que lhe tinha caído ao mar. (SARAMAGO, 2005, p.30)

Como é verificável no excerto anterior, a narração representa o despreparo dos indivíduos para lidar com a velhice alheia, tal qual costuma ocorrer na nossa sociedade atual. De acordo com a observação de Huizinga, esta repulsa à figura da velhice, encontrada no inconsciente coletivo, é atrelada à insistência do homem em manter a beleza e a juventude o máximo possível:

Sem dúvida nenhuma, há nisso tudo um espírito de tremendo materialismo que não podia suportar a ideia do fim da beleza sem duvidar da própria. E note como (mais na literatura, não tanto nas artes plásticas) se lamenta especialmente a beleza feminina. Aqui, mal há um limite entre a advertência religiosa, pensando na morte e na transitoriedade do terreno, e o arrependimento da velha amante sobre a perda da beleza, que ela já não pode mais oferecer. (HUIZINGA, 2015, p.227)

Huizinga discute sobre a temática da dança macabra, cujo propósito é alertar sobre a efemeridade da vaidade e da materialidade da vida, para o autor “a dança

⁵ Este subcapítulo foi desenvolvido a partir da nossa publicação intitulada “Entre a realidade e o absurdo: uma análise literária sobre os apontamentos críticos de *As Intermitências da Morte*, de José Saramago” na revista *Navegações*. Porto Alegre, v.15. n.1. p. 1-8. jan-dez 2022.

macabra não era somente uma advertência piedosa, mas também uma sátira social” (HUIZINGA, 2015, p.236). Da mesma maneira que a dança macabra alerta sobre a chegada da morte, a narrativa das *Intermitências da morte* relembra aos leitores a presença e a chegada da finitude, contudo, o efeito satírico de Saramago concede este aviso por meio da frustração das suas personagens.

Na mesma forma da alegoria macabra, a qual demonstra que os maiores medos dos homens são a morte e a velhice, José Saramago prega uma peça nas personagens: a morte desaparece, porém, a velhice permanece e, a partir deste momento, a angústia torna-se o maior sentimento nesta situação. Este trabalho compreende que a alegoria da dança macabra interpreta o contexto das épocas medievais e que muitas destas percepções não prevalecem da mesma maneira na nossa atualidade, contudo, é interessante observar que as temáticas retratadas, como: a vaidade, a morte, a velhice prevalecem nas vivências dos homens. Biziak e Gobbi (2013) comentam sobre como a Literatura aborda a angústia, já que, de acordo com os estudiosos citados, a sociedade contemporânea passa por um “mal-estar” porque o sujeito não consegue elaborar a sua subjetividade, incluindo a angústia, e esta ausência de contato é ocasionada pelo “exagero na atividade do consciente, através do trabalho contínuo” (BIZIAK E GOBBI, 2013, p.42), logo, o sistema de produtividade com que convivemos não permite nomear e significar os estados das emoções, entretanto, a literatura - como um recurso artístico - possibilita o descobrimento destes sentimentos estagnados.

O mesmo raciocínio pode ser usado para interpretarmos a criação do romance ficcional. Numa luta incessante da pulsão de morte contra a ausência de sentido, a escrita surge como forma de lutar contra o desamparo da angústia. No entanto, qualquer sentido e criação são provisórios, já que o vazio sempre se manifesta. Desta forma, o romance contemporâneo abriu-se e está aberto ao sentimento de angústia não somente como tema: a própria criação literária nasce daí. A estrutura dos romances registra a presença deste estranho tão familiar: os narradores sempre provisórios, mutantes, surpreendentes; o questionamento dos fatos antes tidos como verdades absolutas; a rarefação do enredo ao ponto de quase ou mesmo de desaparecer. Tudo isso, junto, ajuda a dar nova expressão ao romance contemporâneo. E este encontra seu ancoradouro no público leitor, que se reconhece ou fica intrigado a ponto de ler mais de uma vez o mesmo livro no afã de lhe atribuir um sentido. (BIZIAK E GOBBI, 2013, p.40)

Conforme dito, a literatura, de certa forma, afasta o estado de letargia do indivíduo ao propor discussões e exposições sobre as angústias que carrega consigo, logo, a literatura possui a potencialidade de nomear o que é desconhecido ao leitor para que este possa futuramente se interessar em realizar a busca do que lhe faz sentido.

Na literatura saramaguiana, encontramos, algumas vezes, uma postura enrijecida da narrativa e do narrador, a qual se opõe às expectativas das personagens, remetendo à

postura satirista, que tenta repreender os comportamentos sociais que identifica como inapropriados. Para Fantinati (2011), o satirista utiliza os recursos satíricos para manifestar a sua postura militante por meio de uma linguagem agressiva, sendo assim, “seu objetivo é o de criticar, desnudar e mesmo destruir objetos reais e contemporâneos, considerados representantes da realidade ameaçadora referida, a qual é responsável pelos comportamentos equivocados e errados”. (FANTINATI, 2011, p.73). Em *As intermitências da morte*, onde seu discurso é irônico, se reveste de uma agressividade moderada, propondo ao leitor por meio da sátira, o entendimento da ideia deturpada que a sociedade contemporânea projeta sobre a velhice, porque atualmente, o envelhecer é repudiado pela nossa sociedade de consumo e frequentemente relacionado com aspectos negativos.

Conforme é visto na narrativa saramaguiana, se houvesse a possibilidade de vivermos sem a morte, a consequência seria a acumulação indesejável de múltiplas gerações:

As novas gerações, as quais, por sua vez, na sua maioria convertidas em pessoal de assistência e administração dos lares do feliz acaso, depois de terem gasto a melhor parte da sua vida a cuidar de velhorros de todas as idades, quer as normais, quer as matusalénicas, multidões de pais, avós, bisavós, trisavós, tetravós, pentavós, hexavós e por aí fora, ad infinitum (SARAMAGO, 2005, p.32)

Apesar desse quadro horripilante sobre o envelhecer, há uma passagem do romance que retrata de maneira mais humana e honrosa a relação entre a morte e a velhice. Tal parte do enredo conta a história de uma família camponesa que convivia com um bebê e um idoso, ambos doentes e prestes a morrer, mas que foram interrompidos quando a morte foi suspensa. Dado o sofrimento prolongado imposto pela doença, o idoso enfermo sugere aos seus familiares de atravessarem a fronteira do país na tentativa de encontrarem a morte.

Dali, lavada em lágrimas, foi anunciar ao resto da família que o pai havia determinado que o levassem nessa mesma noite ao outro lado da fronteira, lá onde, segundo a sua ideia, a morte, ainda em vigor nesse país, não teria mais remédio que aceitá-lo. A notícia foi recebida com um sentimento complexo de orgulho e resignação, orgulho porque não é cousa de todos os dias ver um ancião oferecer-se assim, por seu próprio pé, à morte que lhe foge, resignação porque perdido por um, perdido por cem, que se lhe há de fazer, contra o que tem de ser toda a força sobra. (SARAMAGO, 2005, p.40)

Como observado pelo narrador, a situação instaurada é complexa, por envolver simultaneamente fibra e resignação. Trata-se de um dos momentos em que o narrador aproxima o leitor das personagens por meio do compadecimento das enfermidades e penúrias vividas pelas personagens. O personagem (pai idoso) compõe uma imagem de autoridade e respeito que permite ao narrador o resgate do valor e da dignidade do

processo de luto, que foram amplamente reduzidos na modernidade. É observável a sensibilidade das personagens ao aceitarem a morte como uma etapa da existência, que envolve a compreensão sobre a angústia e a dor, tais sentimentos precisam ser elaborados e assimilados pelo homem, uma vez que, estender eternamente a existência aboliria as etapas do luto por um lado e, por outro lado, levaria a humanidade à ruína.

De forma sucinta, o romance tende a ser pessimista pelo motivo de contrariar as expectativas e as idealizações da sociedade. Como o crítico Hodgart observa, “O satirista se compromete com os problemas do mundo e espera que seus leitores façam o mesmo” (HODGART, 1969, p.30, tradução nossa)⁶. À vista disso, as censuras constitutivas do romance tem como intuito sinalizar os abusos e desvios que ocorrem na sociedade. Neste ponto, José Saramago concede ao seu narrador de *As intermitências da morte* a voz de um “anti-herói” que assume a responsabilidade de desmascarar os impostores que se cobrem pelo falso moralismo.

[...] Eu não vejo, sinceramente não vejo e gostaria de ver para minha tranquilidade, nenhum motivo para ser otimista não só perante a história da nossa espécie, como diante do espectáculo de um mundo que é capaz, porque tem meios para isso, de resolver uma quantidade de problemas, desde a fome até à educação ou à falta dela, e que não o faz. E não o faz porquê? Porque aquilo que conta é o lucro. (REIS, 1998, p.113)

Toda a reserva do autor frente ao mundo em que viveu se transfigura, para os leitores, em um romance que não se rende à tentação do riso ameno e agradável. O recurso do riso, portanto, é empregado com um propósito totalmente inverso, cuja intenção é a exposição ridicularizadora para demonstrar a insatisfação do narrador satírico diante da história, além disso, os leitores conseguem perceber que a representação literária desencantada do narrador se assemelha ao pessimismo do autor.

Apesar destas passagens desiludidas que a narrativa apresenta aos leitores, há momentos de ressignificação no enfrentamento da morte. Consideramos que as censuras comentadas pelo narrador é uma forma de alerta sobre os artifícios que a sociedade contemporânea utiliza para se afastar do envelhecimento e da morte, como: a opção de terceirizar os cuidados dos idosos por meio das casas de repouso; o enclausuramento dos enfermos em hospitais; a admissão das funerárias para lidarem com o velamento do corpo, à frente disso, o hábito de não conviver com a morte alheia distancia o homem da sua própria morte.

No entanto, mesmo havendo um cenário abatido, José Saramago consegue semear esperança nas suas histórias. As personagens saramaguianas são colocadas em

⁶ El satírico se compromete con los problemas del mundo y espera que sus lectores hagan lo mismo.

provas difíceis e desestabilizadoras, logo, aqueles que conseguem superá-las devem renunciar a sua individualidade para encontrar o seu próprio significado de humanidade.

Como é possível observar no seguinte trecho:

[...] Atenção, pois, à lição de moral. Era uma vez, no antigo país das fábulas, uma família que havia um pai, uma mãe, um avô que era o pai do pai e aquela já mencionada criança de oito anos, um rapazinho. Ora sucedia que o avô já tinha muita idade, por isso tremiam-lhe as mãos e deixava cair a comida da boca quando estavam à mesa, o que causava grande irritação ao filho e à nora, sempre a dizerem-lhe que tivesse cuidado com o que fazia, mas o pobre velho, por mais que quisesse, não conseguia conter as suas tremuras, pior ainda se lhe ralhavam, e o resultado era estar sempre a sua a toalha ou a deixar cair comida ao chão, para já não falar do guardanapo que lhe atavam ao pescoço e que era preciso mudar-lhe três vezes ao dia, ao almoço, ao jantar e à ceia. Estavam as cousas neste pé e sem nenhuma expectativa de melhora quando o filho resolveu acabar com a desagradável situação. Apareceu em casa com uma tigela de madeira e disse ao pai, A partir de hoje passará a comer daqui, senta-se na soleira da porta porque é mais fácil de limpar e assim já a sua nora não terá de preocupar-se com tantas toalhas e tantos guardanapos sujos. (SARAMAGO, 2005, p.79-80)

A história contada pelo narrador retrata a situação de uma família que está infeliz e impaciente com a velhice do personagem idoso, como é descrito no excerto anterior, as personagens do romance espelham diversas facetas da nossa realidade, sejam elas otimistas ou pessimistas, por aqui vemos uma repulsa que os familiares sentem com o idoso pelo fato de não ter mais capacidades físicas nas demandas básicas do cotidiano - comer ou limpar-se - e, conseqüentemente, deixam-no isolado na soleira da porta e longe dos olhares. É neste momento que o leitor se compadece com o tratamento dado ao personagem idoso e repudia o comportamento abusivo dos familiares, entendemos que tal passagem é uma metáfora sobre a exclusão social que ocorre no mundo real e a intenção de distanciar a imagem da velhice como presságio do avanço da morte. Sendo assim, de acordo com Hansen (1986) na sua obra *Alegoria: Construção e interpretação da metáfora* comenta que o recurso da “alegoria dos poetas” permite a personificação das abstrações por meio da metáfora:

[...] Escrever sobre ela implica, pois, retomar a oposição retórica *sentido próprio/sentido figurado* não para validá-la, mas para reconstituí-la em alguns pontos do seu funcionamento antigo de suas retomadas. Segundo este, a metáfora é um termo 2º, “desvio” no lugar de um termo 1º, “próprio” ou “literal”. Desta maneira, nos textos antigos que lançam mão dos procedimentos alegorizantes há um pressuposto e um efeito, que permitem isolar uma estrutura e função da alegoria: ela é mimética, da ordem da representação, funcionando por semelhança (HANSEN, 1986, p.1)

Hansen explica que no recurso alegórico é possível desviar as interpretações literais dos leitores. Sendo assim o uso da narrativa alegórica em *As intermitências da morte* permite recriar uma história moralizadora aos leitores para poderem refletir sobre o seu próprio espaço de convivência e as suas falhas. Na primeira parte da fábula é

visível os maus tratos e a ausência de empatia por parte dos familiares, despertando o sentimento de indignação dos leitores que se compadecem com o rumo da história, contudo, o narrador deve corrigir as imperfeições das personagens:

Ao neto parecia não lhe importar o feio tratamento que estavam a dar ao avô, olhava-o, depois olhava o pai e a mãe, e continuava a comer como se não tivesse nada que ver com o caso. Até que uma tarde, ao regressar do trabalho, o pai viu o filho a trabalhar com uma navalha, um pedaço de madeira e julgou que, como era normal e corrente nessas épocas remotas, estivesse a construir um brinquedo por suas próprias mãos. No dia seguinte, porém, deu-se conta de que não se tratava de um carrinho, pelo menos não se via sítio onde se lhe pudessem encaixar umas rodas, e então perguntou, Que estás a fazer. O rapaz fingiu que não tinha ouvido e continuou a escavar na madeira com a ponta da navalha, isto passou-se no tempo em que os pais eram menos assustados e não corriam a tirar das mãos dos filhos um instrumento de tanta utilidade para a fabricação de brinquedos. Não ouviste, que estás a fazer com esse pau, tornou o pai a perguntar, e o filho, sem levantar a vista da operação, respondeu, Estou a fazer uma tigela para quando o mandarem comer na soleira da porta, como fizeram ao avô. Foram palavras santas. Caíram as escamas dos olhos do pai, viu a verdade e a sua luz, e no mesmo instante foi pedir perdão ao progenitor (SARAMAGO, 2005, p.80)

Neste trecho da história alegórica contida no romance é sugerida a capacidade de redenção do homem ao empatizar com o sofrimento do outro, da mesma maneira que os leitores saramaguianos conhecem a cegueira branca na obra *Ensaio sobre a cegueira*, na qual os indivíduos são contaminados por uma cegueira de cor leitosa, que perturba todos os discernimentos de civilidade e humana, por aqui, encontramos o momento que o pai deixa de ser “cego” ao ver *a verdade e a sua luz*. Da mesma maneira que esta “cegueira” do pai era revestida de preconceito e egocentrismo, esta é desanuviada com o exemplo de compaixão do filho.

Por fim, a retratação das divergências entre gerações mais novas e mais velhas - o etarismo - é perceptível no romance, mas a questão fundamental que é abordada nestas histórias contadas em *As intermitências da morte* é a tentativa de fuga e desvio das personagens em relação à própria velhice, pois lidar com indivíduos mais idosos concerne também a enfrentar e refletir sobre a aproximação de diversos fins: o fim da vaidade, da juventude e do vigor. Com base nisso, o escritor foi questionado em uma entrevista: por que as pessoas não se questionam?

Sua resposta:

O poder talvez tenha a consciência de que as coisas são assim mas disfarça porque não quer que se saiba, mas nas pessoas também há uma falta de curiosidade e nós começamos a envelhecer quando perdemos a curiosidade. Nesse sentido, há pessoas que já nascem velhas, que não tem curiosidade alguma em saber o que se passa. Não só o que se passa mas também porque é o que se passa. Depois há todo um processo que começa na educação, que começa na ocultação ou na manipulação dos factos e não se cria na mente das pessoas nem se faz nascer nelas uma mente crítica capaz de observar e de relacionar (SILVA, 2009, p.125)

Em suma, a literatura de José Saramago consegue exercer um papel reflexivo nos leitores, trazendo-lhes narrativas humanizadoras. Logo, o público é ensinado que as correções dos erros não são por meios da punição, mas por meio da compreensão com o outro. Apesar do seu tom crítico e irônico na qual consegue indicar as perversidades e contradições das atitudes dos homens, José Saramago permanece na tentativa de apresentar ao seu público uma centelha de esperança sobre a humanidade, de alguma forma, o poder da escrita pode despertar a empatia do leitor.

2. MEDITAÇÃO SOBRE A MORTE E A HUMANIZAÇÃO

Neste capítulo será comentada a relação das vantagens financeiras que as personagens obtiveram diante do desaparecimento da morte. Proposto isto, o estudo analisa as censuras que o narrador saramaguiano dirige aos comportamentos questionáveis praticados durante a história. Sendo assim, as leituras de autores como Jolles, Gerth, Eagleton, entre outros autores, auxiliam no entendimento da utilização dos recursos satíricos para realçar as problemáticas da sociedade contemporânea no viés crítico sobre o capitalismo e a modernidade.

A princípio, com o distanciamento da morte, o domínio da saúde foi diretamente afetado juntamente com as seguradoras e as funerárias. Tais instituições exigiam resolução da crise social que estavam sofrendo. A sugestão do Estado, para administrar a recessão econômica, é um tanto quanto ridícula, sendo descrita pelo narrador como “a humilhação de enterrar canários e gatos, cães e a restante da bicharada, a tartaruga, a catatua, o esquilo.” (SARAMAGO, 2005, p.70). Diante destas ações lamentáveis para a manutenção dos lucros, o narrador adota uma postura zombeteira para criticá-las e demonstrar o desinteresse nas aflições expressas pelos personagens na tentativa de ridicularizar os acontecimentos:

Nem tudo é festa, porém, ao lado de uns quantos riem, sempre haverá outros que chorem, e às vezes, como no presente caso, pelas mesmas razões. Importantes sectores profissionais, seriamente preocupados com a situação, já começaram a fazer chegar a quem de direito a expressão do seu descontentamento. Como seria de esperar, as primeiras e formais reclamações vieram das empresas do negócio funerário. Brutalmente desprovidos da sua matéria-prima. (SARAMAGO, 2005, p.25)

No excerto anterior é comentada a insegurança financeira das funerárias, as quais exigem que a situação seja remediada pelo Estado, chegando-se à saída bizarra de oferecer aos animais de estimação todos os requintes de inumação antes dedicados a seus tutores. Como havia sido comentado, o narrador apresenta aos leitores a exposição vexatória a que os agentes funerários se submetem: “Vão-se rir de nós, avisou o presidente da mesa, mas reconheço que não temos outra saída, ou é isto, ou será a ruína do sector” (SARAMAGO, 2005, p.26). O narrador não se compadece do objeto zombado e, por meio da sátira, destaca como no centro de propostas desarrazoadas está apenas o velho motivo do lucro com a morte.

Soethe (1998) disserta sobre a consideração de Gaie na qual são estabelecidos dois critérios que definem a sátira, por meio de sua ligação com a realidade e de seu caráter crítico. Estas duas características são encontradas no romance em análise, em que, ao expor por meio do rebaixamento a distância mantida pelo Estado frente aos

momentos críticos, a narrativa revela a consideração das instituições e do mercado para obterem a movimentação do capital e do lucro, sendo mais relevantes que a angústia coletiva. Posto isto, o romance acrescenta uma motivação pessimista sobre a Humanidade, pois, ao invés de reconsiderarem as condutas que levaram à decadência social e ao atrofiamento do sentimento humanista, as personagens direcionam seus esforços para lucrarem novamente com a morte.

Em vista desta situação, a narrativa apresenta o cenário de um país abarrotado de mortos-vivos, onde a família que - vivendo perto das fronteiras (citada anteriormente neste trabalho) - transportou os dois enfermos para receberem o direito da morte e que posteriormente causa uma comoção nacional, em vista disso, os familiares foram denunciados pela vizinhança às autoridades pelo fato de terem sido vistos realizando o cruzamento entre as divisas com os doentes.

Origina-se, assim, uma grande tensão sobre o destino das personagens, agora acusadas por “homicídio” contra os dois familiares enfermos. A decisão do Estado, no entanto, foi de absolvê-los:

Não foram condenados nem julgados. Como um rastilho, a notícia correu veloz por todo o país, os meio de comunicação vituperaram os infames, as irmãs assassinas, o genro instrumento do crime, choraram-se lágrimas sobre o ancião e o inocentinho como se eles fossem o avô e o neto que toda a gente desejaria ter tido, pela milésima vez jornais bem pensantes que actuavam como barómetros da moralidade pública apontaram o dedo à imparável degradação dos valores tradicionais da família, fonte, causa e origem de todos os males em sua opinião. (SARAMAGO, 2005, p.47)

A travessia atraiu a atenção midiática e popular que considerou a escolha de ir ao encontro da morte como uma traição à pátria, visto que a família infratora desconsiderava os benefícios da eternidade. Apesar deste confronto moral vivenciado pela população, o episódio despertou a ambição daqueles que visualizaram a vantagem lucrativa que poderiam obter com as travessias.

A posição do Estado em relação às passagens foi de permissão com algum controle, tendo em vista as relações de boa vizinhança com os países fronteiriços:

A decisão de intervir ou não intervir seria ponderada caso por caso, uma vez que não era objetivo do governo travar totalmente este surto migratório de novo tipo, mas sim dar uma satisfação parcial às preocupações dos governos dos países com fronteiras comuns, o suficiente para calarem por um tempo as reclamações. (SARAMAGO, 2005, p.49)

A ausência de compromisso por parte do Estado em esclarecer para a população os acontecimentos sobre a falta da morte revela a postura hipócrita dos governantes ao colocarem a burocracia como impedimento de resolverem os problemas urgentes originados pela greve da morte. Esta falta de empatia é ressaltada pelos traços satíricos

empregados pelo narrador ao comentar sobre a função do Estado perante a sociedade.

Como Jolles observa:

[...] A sátira é uma zombaria dirigida ao objeto que se repreende ou se reprova e que nos é estranho. Recusamo-nos a ter algo em comum com o objeto dessa reprovação; opomo-nos a ele rudemente e, por conseguinte, desfazemo-lo sem simpatia nem compaixão. (JOLLES, 1976, p.211).

A repreensão que o narrador faz a respeito do Estado, que age diante dos problemas com indiferença e irresponsabilidade, revela comportamentos semelhantes na nossa realidade. Além disso, o narrador satírico destaca o desinteresse do Estado em vigiar de fato as fronteiras dos países e evitar os possíveis conflitos políticos. A convicção de que os recursos satíricos da literatura projetam tanto a realidade indesejável quanto a desejável nas obras é evidenciada nos comentários de José Saramago em seu diálogo com Carlos Reis, quando o autor é questionado sobre a motivação de abordar os valores em suas obras em relação ao progressismo, a razão moderna e humana.

Na opinião do escritor:

O que é que se passa dentro da cabeça das pessoas para serem uma coisa e passarem a ser outra? Uma sociedade que instituiu como valores a perseguir esses que nós sabemos, o lucro, o êxito, o triunfo sobre o outro e todas estas coisas, essa sociedade coloca as pessoas numa situação em que acabam por pensar (se é que o dizem e não se limitam a agir) que todos os meios são bons para se alcançar aquilo que se quer. (REIS, 1998, p.112)

Neste comentário, Saramago repreende os valores sociais e morais estimados pela sociedade – o lucro, o êxito e o triunfo – sendo verificável que tais temáticas também são censuradas pelo narrador do romance, como havia sido comentado neste estudo, em que o desenvolvimento do lucro é mais imperativo que o desenvolvimento humano. De acordo com Eagleton (1998), em *As ilusões do pós-modernismo*, a era pós-moderna é demarcada pela contradição da sociedade capitalista, ao mesmo tempo libertária e repressora, de maneira que a tentativa de mudança do mercado se defrontava com a manutenção dos valores tradicionais:

A lógica do mercado é de prazer e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os indivíduos surgem como meros reflexos passageiros. Mas manter em ação toda essa anarquia potencial requer bases sólidas e uma estrutura política sólida. Quanto mais as forças de mercado ameaçam subverter toda a estabilidade, mais teremos de insistir nos valores tradicionais (EAGLETON, 1998, p.101)

Ao mesmo tempo que se identifica esta tentativa de mudança e de progresso que o sistema capitalista propõe aos indivíduos, este mesmo sistema dificulta enormemente a valorização do trabalho para que ocorra a ascensão econômica, social e cultural das classes mais baixas. Eagleton classifica esse impasse como uma tragédia humana, pois

“a grande maioria de pessoas condenada ao labor infrutífero para o lucro de poucos. Decididamente, o capitalismo não é um sistema progressista, nem nada parecido” (EAGLETON, 1998, p.50). É com esse parâmetro que a realidade contemporânea é representada no romance saramaguiano, de maneira a evidenciar que a existência humana é triturada pelo poder econômico e, no caso de *As intermitências da morte*, a mercadoria valorizada e estimada é a morte, de tal maneira que, explorá-la exige um alto custo. Posto isto, o que mais agrava a situação caótica representada no romance é a omissão do Estado, que permite a expansão do núcleo da *maphia*, que assume o controle total da passagem dos vivos-mortos pelas fronteiras. Para alcançar a morte no país vizinho, era necessário pagar. A partir deste ponto, o absurdo das situações é consideravelmente ampliado.

Em resumo, os apontamentos críticos narrados nesta obra discordam das ações observadas no mundo real. Gerth (1977) afirma que a sátira, no âmbito do ensino da literatura crítica, permite aguçar a visão do leitor sobre as insuficiências do meio social. Assim, as manifestações satíricas expressas no romance em análise tem como fim estimular o discernimento e a capacidade do julgamento do público.

A sátira, portanto, não pode reivindicar nenhum direito de exclusividade no ensino de literatura; ela permanece como um tipo de texto ao lado de outros, embora igualmente desejável e necessário. Há também outros motivos para isso. Ela revela de maneira esclarecedora que a literatura possui uma função para a consciência pública, e apresenta-se como um campo de treinamento exemplar para a compreensão histórica. Quem quiser compreender uma sátira deve familiarizar-se com o tempo de sua criação e as normas então vigentes. Desse modo, a sátira ensina uma maneira de compreensão do literário, que é também extensiva a outros textos (GERTH, 1977, p.07)

Diante da circunstância narrativa citada anteriormente, na qual as personagens eram obrigadas a pagar para morrer, com mais um agravante para esta situação: o consentimento do Estado para o funcionamento da *maphia*. Aos olhos do narrador, tal atividade é considerada como desmoralizadora por conta da irresponsabilidade e conivência dos governantes diante das práticas de *corrupção*, *suborno*, *intimidação*, pois a prestação de serviços implementada pela *maphia* envolve maneiras de oprimir uma parcela da população necessitada de realizar a travessia.

A indignação do narrador satírico sobre os posicionamentos políticos é um registro que afirma a censura contra os desvios sociais das personagens, pois a sátira sempre analisou as baixas condutas e os vícios como reflexo do coletivo, neste caso “desde sempre, a sátira visou anomalias sociais, falsos valores, contradições, abusos ou anacronismos, desde sempre, atacou tradições ou instituições políticas” (GERTH, 1977, p. 02). Levando isso em conta, o narrador não determina a culpa ou a responsabilidade

de personagens individualmente, pois este rebaixamento moral contagiou a coletividade.

Façamos um esforço para entender o ponto de vista dos criminosos. Colocados perante uma complexa operação de longa duração e à escala nacional, e tendo de empregar uma boa parte do seu mais experimentado pessoal nas visitas às famílias que em princípio estariam inclinadas a desfazer-se dos seus entes queridos para louvavelmente os poupar a sofrimentos tão inúteis, como eternos, estava mui claro que lhes conviria, na medida do possível, e utilizando para tal as suas armas preferidas, corrupção, suborno, intimidação, aproveitar os serviços da gigantesca rede de informadores já montada pelo governo. (SARAMAGO, 2005, p.54)

O posicionamento tenso e sarcástico que o narrador denuncia frente ao leitor remete à posição política de José Saramago. Para Calbucci (1999), é possível identificar esta estreita semelhança, principalmente o pessimismo, porém é reiterada a afirmação de que: “é óbvio que esse narrador não é igual ao seu criador, mas também é óbvio que ele recebe certa influência dos pensamentos do autor e narrador” (CALBUCCI, 1999, p.99).

Por esse motivo, Calbucci (1999) acrescenta a consideração sobre o caso de José Saramago que é moderadamente difícil de separá-lo dos narradores, apesar de ser um narrador heterodiegético, este faz avaliações sobre os acontecimentos do romance, logo, a impressão é a de um narrador “intruso” que expressa as ideais similares do autor. O pessimismo de José Saramago a respeito dos temas abordados a política, a sociedade e a moralidade não se apresenta como uma agenda política para ser embutida no romance, ao contrário, o autor consegue dissertar sobre as problemáticas visualizadas na vida real e transfigurá-las no mundo literário. A título de exemplo, citem - se os problemas estruturais no meio sociopolítico que são majoritariamente elaborados pelo escritor.

Creio que haveria que fazer algumas distinções. Está claríssimo que a ideologia como sistema de ideias geral depende das circunstâncias sociais e políticas, bem como de um conjunto de elementos, uns que vêm da tradição cultural, outros que são de ordem ética, outros ainda que têm que ver com a religião, com o sistema de poder que funciona numa dada sociedade - e isso toca a todos, porque toda a gente, escritor ou não, vive imerso a nessa espécie de caldo. O que significa que nem sequer é legítimo pensar que se poderia viver fora dessa espécie de mar, porque aí é onde se respira, aí é onde se está, é onde nos alimentamos no plano mental. Entendida a ideologia assim, não colocamos este tipo de questões, porque vivemos aí naturalmente e não podemos viver fora daí. (SARAMAGO apud REIS, 1998, p.52)

Este estudo compreende a possibilidade de observar características da sátira menipeia no romance de José Saramago. Ao contrário da sátira latina, a sátira menipeia coloca o objeto zombado em uma posição crítica, mas não contém o excesso de agressividade como é representada na sátira latina, esta introduz temática filosófica por meio do riso. Ambas as sátiras não se limitam ao espaço da realidade, conseguem produzir textos que exigem a imaginação ou o fantástico para que possam comentar sobre os comportamentos censuráveis de uma forma mais distante.

Enylton de Sá Rego, no seu livro *O Calundu e a Panaceia*, disserta sobre a sátira menipeia e a tradição luciânica nos textos machadianos, comentando sobre as funcionalidades da sátira menipéia. O autor cita alguns estudos que consideram as leituras bakhtinianas sobre o processo de carnavalização.

[...] Segundo Bakhtin, a carnavalização é o processo através do qual o discurso popular intrinsecamente ambíguo e irreverente - singularmente expresso nos ritos e festivais carnavalescos da Antiguidade, da Idade Média e do Renascimento, até o século dezessete - irromperia no âmbito dos discursos formalizados e transformados em "gêneros" pela literatura oficial de uma dada sociedade, subvertendo-os e revolucionarizando-os. Tal processo, segundo Bakhtin, estaria intimamente ligado à tradição da sátira menipéia sendo esta a primeira linhagem literária representativa da carnavalização no discurso da literatura ocidental (SÁ REGO, 1989, p.22)

Posto isto, compreendemos a possibilidade dos traços da tradição menipéia no romance *As intermitências da morte* pelo fato de o narrador apontar alguns comportamentos que deveriam ser repensados e, para que isso possa ocorrer, vale-se da ironia como recurso linguístico para a codificação da mensagem ao que deve desvendar o verdadeiro jogo de palavras, com isto, o autor Sá Rego cita a essência da sátira menipeia de Ball:

Na definição da sátira menipéia, no entanto, a afirmação de que ela é uma mistura de prosa e verso parece exigir uma certa modificação. De fato, não basta que o verso seja introduzido em meio à prosa... pois isto pode acontecer, por exemplo, no caso de citações ou de diálogo em muitas formas de composição. O que encontramos aqui é o próprio autor, falando em sua própria pessoa, mudando de um estilo de expressão a outro, sem nenhuma desculpa visível a não ser o seu tom coloquial. A essência da sátira menipéia é exatamente o seu andamento variado e desenfreado, andando, correndo e tropeçando, de vez em quando se permitindo até uma cabriola retórica. (SÁ REGO, 1989, p.42)⁷

Diante das definições comentadas pelos autores que definem e discutem a respeito das funcionalidades da sátira, entendemos que as manifestações satíricas por meio da ridicularização, distanciamento para construir comentários críticos e o uso da fantasia auxiliaram o desenvolvimento do romance para abordar um tema inquietante: a morte. No que diz respeito às circunstâncias representadas em *As intermitências da morte*, destacamos o crescente interesse das personagens em realizar as travessias para alcançarem a morte e como tal escolha causou diversas discussões morais sobre o valor desta decisão, conforme é observado pelo narrador:

Os meios de comunicação que antes tinham vituperado energicamente as filhas e o genro do velho enterrado com o neto, incluindo depois nessa reprovação a tia solteira, acusada de cumplicidade e conivência, estigmatizavam agora a crueldade e a falta de patriotismo de pessoas aparentemente decentes que nesta circunstância de gravíssima crise nacional tinham deixado cair a máscara hipócrita por trás da qual escondiam o seu

⁷BALL, Allan P. *The Satire of Seneca*, on the Apotheosis of Claudius, London, Macmillan, 1902, p.62

verdadeiro caráter (SARAMAGO, 2005, p.48)

De acordo com o antropólogo Ernest Becker, em *A negação da morte* (1973), a rejeição que os indivíduos sentem sobre a morte é ligada à angústia do ser pela real consciência de lidar com a própria finitude, logo, as personagens de *As intermitências da morte* que evitam morrer, tentam reprimir esta ideia da autodestruição que todos sentem em relação à figura da morte.

O heroísmo é, antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte. O que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta e mais constante adoração; ele nos toca fundo em nossos corações, porque temos dúvida sobre até que ponto nós mesmos seríamos valentes, quando vemos um homem enfrentando bravamente a sua própria extinção. (BECKER, 1973, p.25-26)

O romance consegue espelhar as ambivalências que circulam na sociedade contemporânea em relação a diversas temáticas, como: o julgamento dos valores morais, a ambição que o sistema capitalista desperta nos indivíduos e, por fim, a corrupção e a ineficiência do Estado diante da violência praticada pela *mafia* contra a população, à vista de tantos apontamentos negativos sobre os desprazeres que a eternidade originou, a obra instiga o seu leitor a reconsiderar se a morte seria tão perversa para a humanidade.

Podemos refletir que esta intensa necessidade dos indivíduos em querer prosperar sem hesitar a despeito do sofrimento do outro ocorre no nosso plano de realidade pelo fato de vivenciarmos um sistema de produção de trabalho e lucro frenético, na qual, os indivíduos são desestimulados de pensarem coletivamente. Vimos que a violência retratada em *As intermitências da morte*, motivada pela ambição, percorre diversos meios - econômico, político e social. Baseando-se nisso, o autor Gianni Vattimo em *O fim da modernidade* comenta os riscos que a crise do humanismo ocorre na sociedade.

Segundo ele:

A técnica aparece como a causa de um processo geral de desumanização, que compreende seja o obscurecimento dos ideais humanistas da cultura em favor de uma formação do homem centrada nas ciências e nas habilidades produtivas racionalmente dirigidas, seja, no plano da organização social e política, um processo de acentuada racionalização que deixa entrever as características da sociedade da organização total. (VATTIMO, 1996, p.20)

Em resumo, a afirmação de Vattimo remete às falhas da modernidade, que, ao exigir o nível de excelência de tecnologia e lucro nas produções do homem, revela-se como a atrofiação das produções humanas. Saramago sempre aborda nos seus romances: como o enfrentamento do descaso com que o Estado age sobre uma população de vivos-mortos, em *As intermitências da morte*; a luta da classe trabalhadora que resiste contra a miséria e a opressão em *Levantado do chão* ou a corrida pela sobrevivência quando o mundo está totalmente cego em *Ensaio sobre a cegueira*.

A ausência de nomes impõe que as personagens sejam apresentadas uma às outras e ao leitor de uma perspectiva que não pode levar em conta quaisquer outros créditos além da adoção de um simples número, acompanhado de uma única característica (profissão ou detalhe marcante). O resto é construção narrativa. As personagens refletem sobre o que é que tem importância enquanto representação e, até mesmo, se a representação tem alguma importância, dado o permanente câmbio dos seres. (FERREIRA, 2014, p.98)

A maioria destas personagens não possuem nomes próprios ou, quando são nomeadas, são invisíveis aos olhos do sistema, no entanto, a voz que o autor português concede leva-os a confrontarem os valores econômicos e produtivos, pois, de alguma maneira, José Saramago tenta revitalizar a humanidade e seu humanismo por meio da Literatura, posto isto, o escritor concede o único momento de verbalização e de destaque para histórias que eram silenciadas e apagadas por aqueles que a sociedade consideram como irrelevantes, contudo, as narrativas saramaguianas surgiram para o mundo literário para anunciar a força e a coragem daquelas personagens que são fustigadas.

2.1 O DISTANCIAMENTO DA MORTE

Neste subcapítulo será discutido o processo de distanciamento entre o homem e a própria morte. Na leitura do romance *As intermitências da morte* é observada uma rejeição das personagens em lidarem com a ideia da finitude, além disso, o processo de adoecimento e velhice é visto como uma aproximação do fim, colocando-as em uma situação de extrema angústia ao lidar com algo que é inevitável de afastar da sua própria existência.

A partir disso, o distanciamento entre o sujeito e a morte não é algo retratado apenas no mundo ficcional, pois, apesar do recurso alegórico que o autor utiliza para denunciar as mazelas sociais que ocorrem com a recusa da morte, este tema é recorrente na nossa realidade. De uma maneira muito particular, as impressões sobre o mundo são introduzidas na literatura saramaguiana de uma maneira poética, sensível e crítica sobre a extrema vaidade e a insensibilidade demonstradas pela sociedade contemporânea.

Em *Literatura Sociedade* (2006), Antônio Candido aborda a expressividade que o escritor alcança por meio da Literatura, havendo a possibilidade de realizar uma arte *social*, no sentido de se interessar pelas questões produzidas pela sociedade. Nesta perspectiva, é possível considerar que a obra de José Saramago em estudo se empenha em retratar as adversidades do mundo, como Candido observa sobre a tendência de “analisar o conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor” (CANDIDO, 2006, p.29-30). A partir disso é evidente a perspicácia de Saramago ao adotar a sátira como recurso para retratar um tabu social: a morte, desse modo, promovendo o exercício de reflexão nos leitores de uma maneira aguda, mas não excessivamente apreensiva ou tensa.

Atualmente, falar sobre a finitude é considerado uma postura negativa, sombria, pessimista e depressiva. Enfrentar o processo de morte se tornou um imenso incômodo para a sociedade contemporânea, em razão disso, os recursos satíricos que o escritor utiliza – o mundo às avessas, a ridicularização, o discurso irônico, os ataques indiretos – remetem a uma associação imediata com o mundo atual. Como Soethe comenta: “Seria um mal-entendido conceber ‘estupidez’ e ‘vícios’ apenas como debilidades individuais, desde sempre, a sátira visou anomalias sociais, falsos valores, contradições, abusos ou anacronismos; desde sempre, atacou tradições ou instituições políticas.” (SOETHE, 1998, p.02).

Dada essa função social da literatura, o romance em estudo assume como compromisso com a sua narrativa em denunciar dentre tantos problemas da existência humana, retratando por exemplo, a privação de autonomia em situação de adoecimentos graves e de velhice, diante desta questão, o romance narra o desejo de morte de um senhor velho e doente, remetendo aos temas candentes da eutanásia e do direito de morrer com dignidade:

[...] Quer água, perguntou uma das filhas? Não quero água, quero morrer, Bem sabe que o médico diz que não é possível, pai, lembre-se de que a morte acabou, O médico não entende nada, desde que o mundo começou a ser mundo sempre houve uma hora e um lugar para morrer. (SARAMAGO, 2005, p.39)

O movimento de desvio da filha, como uma tentativa de aconselhar o pai a desistir de morrer, reproduz apelos emotivos e morais que condenam a “desistência” do doente em relação à vida. Entretanto, as condições nefastas a que a eternidade submete os enfermos, nos quais são obrigados a conviver infinitamente com a dor, a fadiga e a angústia afetam o desejo do personagem em persistir de viver. É neste instante que o medo da morte é revertido, de maneira que, os indivíduos desejam a morte como a absolvição do sofrimento, pois viver se tornou uma agonia.

De acordo com Ariès (2012), a morte era valorizada nas sociedades antigas, de maneira que os seus mortos eram cultuados e velados nas suas próprias casas, além disso, os vivos eram estimulados a vivenciar o luto ao expressarem o pranto e a tristeza. As sociedades atuais afastaram-se destes processos, ao delegar estas funções aos hospitais e funerárias.

Atualmente, os familiares não possuem o hábito de velar os corpos dos falecidos, tal encargo restou para as funerárias que preparam os corpos, além disso, os momentos dos cuidados paliativos com o enfermo normalmente tem como figura responsável para estas funções o hospital, que, por consequência, anula a participação dos familiares em acompanhar o processo da aproximação da morte e atenua a consciência sobre a finitude. Para ressaltar isso, Ariès comenta a máxima *mors certa, hora incerta* que retrata esta incerteza que os indivíduos sentem em viver, na qual são surpreendidos pelos imprevistos ocasionados por doenças, acidentes ou fatalidades, com isto, a confiança do homem é abalada e, para manter uma certa ordem nestes momentos de vulnerabilidade, os hospitais assumem o comando e o direcionamento da vida do paciente, pois “o doente é mantido na ilusão da *mors incerta*, mas a equipe hospitalar prevê muito bem a hora certa e estabelecem em seguida ao diagnóstico, a *dying trajectory* [trajetória da morte]” (ARIÈS, 2012, p.269).

A atitude diante da morte foi mudada não só pela alienação do moribundo, como também pela variabilidade da duração da morte; esta já não tem a bela regularidade de outrora, as poucas horas que separavam os primeiros avisos do último adeus. Os progressos da Medicina não param de prolongá-la. Dentro de certos limites pode-se, aliás, abreviá-la ou estendê-la; isso depende da vontade do médico, do equipamento do hospital, da riqueza da família ou do Estado. (ARIÈS, 2012, p.268)

Em resumo, a ficção e a realidade se aproximam quando é tratada a distância imposta entre o doente e a morte. No plano real, os hospitais optam por tentar postergar o fim do paciente, o que complica a assimilação do indivíduo para encarar morte, por tais fatores a finitude é considerada como desmancha prazer ao apanhar todos despreparados. Possivelmente, se houvesse discussões sobre a finitude, a sociedade estaria minimamente preparada para assimilar o fim da vida, no entanto, os tempos atuais refutam esta ideia e, em razão disto, o romance destaca fortemente o horror da possibilidade de viver sem a contrapartida da morte. De qualquer maneira, a existência humana é vista na sua relação complementar e necessária com a morte, sem a qual uma eternidade dolorosa se apresentaria. Nesse sentido, as anomalias sociais censuradas pelo satirista são semelhantes como na obra de Saramago que critica indiretamente a hipocrisia e o moralismo das personagens em negar a morte.

Esta dissertação aborda a questão do efeito do distanciamento que o recurso do mundo às avessas promove no leitor, pois, ao narrar as peripécias do afastamento da morte, o romance o faz de forma literal, encenando a supressão total da morte por meio de expedientes cômicos. Apesar disso, a realidade com que todos convivem é a do apagamento da presença da morte natural cotidianamente, com a modernização e o desenvolvimento da medicina que aumentam a cura e a sobrevivência.

Além disso, os avanços do conhecimento têm motivado a parcela mais abastada da sociedade - como os multibilionários do Vale do Silício, a exemplo de Elon Musk, Jeff Bezos, Mark Zuckerberg e Peter Thiel, entre outros - a financiar projetos de criogenia e demais pesquisas voltadas para o antienvelhecimento e prolongamento máximo da vida humana, movidos todos pelos velhos anseios de vida eterna, tão intensamente satirizado por Saramago.

A sociedade inteira se comporta como a unidade hospitalar. Se o moribundo deve ao mesmo tempo superar seu transtorno e colaborar gentilmente com médicos e enfermeiras, o infeliz sobrevivente deve esconder seu sofrimento e renunciar a recolher-se numa solidão que o trairia, continuando sem descanso sua vida de relações sociais, de trabalho e de lazeres. De outro modo, seria excluído, e essa exclusão teria uma consequência totalmente diferente da reclusão ritual do luto tradicional. (ARIÈS, 2012, p.241)

Ariès observou o sofrimento dos hospitalizados com a falta do direito de morrer, visto que, o ambiente hospitalar tende a não admitir a desistência de tratamento e da

medicalização, além disto, a limitação de contato entre família e doente, dificulta a aceitação do processo de luto, por fim, a relação desta situação com *As intermitências da morte* é esta mesma insistência que os indivíduo e as instituições impõem sobre todos de repreenderem o desejo da morte e de prolongar a distância de convívio com ela. Por fim, a análise trazida no nosso estudo pretende demonstrar a relevância de discutir sobre a relação da Humanidade com a morte, pois, diversas situações que são lidas como comportamentos normalizados diante da finitude ocorrem de maneiras dolorosas, insensíveis e até mesmo crueis, a partir disso, o nosso estudo tenta promover a discussão por meio da investigação de que falar e abordar sobre a morte é sinal de acolhimento do próprio ser.

2.2 MEMENTO MORI

Este subcapítulo dará continuidade a reflexão sobre o desejo humano de afastar a finitude de si, entretanto, será comentada a ineficácia desta atitude pelo fato de sermos constantemente lembrados da própria morte. O desenvolvimento da narrativa em análise focaliza as mazelas sociais e econômicas trazidas pela imortalidade ao país do qual a morte se ausentara. Após alguns meses a personagem morte volta e decide anunciar o seu retorno ao país não nomeado na intenção de estabelecer a ordem natural, por meio de um singular e cômico comunicado oficial:

[...] Pigarreou um pouco para limpar a voz e começou a ler, senhor diretor geral da televisão nacional, estimado senhor, para os efeitos que as pessoas interessadas tiverem por convenientes venho informar de que a partir da meia noite se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios, desde o princípio dos tempos e até ao dia trinta e um de dezembro do ano passado, devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre. (SARAMAGO, 2005, p.99)

Diante deste ato, o leitor nota a postura corretiva que a morte assume sobre as personagens, para ensinar-lhes, por meio da vingança e da punição, o erro de negá-la. O que ressalta o julgamento censurador expresso pelo satirista sobre a sociedade. Freire (2004) destaca a impossibilidade de os leitores lerem a sátira de maneira passiva porque o gênero sátira pressupõe uma postura crítica, cujas técnicas envolvem o incômodo e o desafio frente ao objeto zombado quando o ridiculariza. Em *As intermitências da morte* é explícita como a morte rebaixa e ridiculariza os pequenos desejos dos homens ao desejarem conviver com a eternidade.

Como Freire observa:

Não se satiriza o que está definitivamente morto e encerrado na história ou o que não tem importância para o presente, daí a ligação do texto satírico com o efêmero, com uma situação política particular. Só é digno de ser satirizado o que ainda incomoda ou tem influência no presente ou as situações e figuras que ainda circulam. A sátira nasce, assim, de uma intensa ligação com o momento político do narrador (e do autor), ainda que pareça estar falando do passado (FREIRE, 2004, p.201)

Além de sua postura austera e corretora, a personagem da morte faz alusão ao imaginário social que a representa adornada com “*a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão*”. Tal referência remete à representação medieval da “morte macabra” na história da Arte:

A figura da Morte havia séculos aparecia nas representações plásticas e literárias sob mais de uma forma: como cavaleiro apocalíptico arremessando se intempestivo sobre um grupo de pessoas jogadas no chão, como megera com patas de morcego estendidas para baixo, como no Campo Santo em Pisa, o esqueleto com a foice, ou com o arco e flecha, por vezes indo em uma carruagem puxada por bois ou ainda montada num boi ou numa vaca.

(HUIZINGA, 2015, p.230-231)

Em *O outono da Idade Média*, Huizinga explica as razões do temor que os homens sentem pela morte. De acordo com o autor, a imagem da morte (originada na dança macabra) servia como uma advertência do fim e do terror, já que, como a sátira, a dança macabra anunciava os vícios sociais dos homens ao lembrar que a morte surgiria para todos, sem distinção, a qualquer momento, e levaria desde os jovens mais belos até os senhores mais abastados. O que se aprende com a morte da dança macabra é que não há distinção social que possa contê-la. A concepção da “dança macabra” marcou o imaginário social porque conseguiu reunir as representações artísticas com as manifestações fantásticas, logo, a imagem da morte impressiona os homens pela sua fantasia, mistério e terror.

Em nenhum outro lugar aquela morte de caráter simiesco podia estar tão em casa, ela, que rindo com todos os dentes, com os passos enferrujados de um velho mestre de dança, arrasta consigo o papa, o imperador, o nobre, o trabalhador, o religioso, a criança pequena, o louco e todas as profissões e posições sociais (HUIZINGA, 2015, p.234)

A partir desta concepção geral sobre a imagem da dança macabra se tornam mais evidentes os funcionamentos das representações artísticas e os mitos criados sobre a morte e, finalmente, como utilizam destes recursos para evidenciar a sensação de repulsa que o homem sente pela própria morte. Esta alusão à dança macabra em *As intermitências da morte* permite analisar os conceitos estéticos envolvidos na alegoria. Por exemplo, a representação da morte no romance vincula-se ao conceito de grotesco bakhtiniano discutido em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O autor Mikhail Bakhtin analisa os aspectos grotescos na literatura de Rabelais e um de seus apontamentos é a respeito da estética grotesca como manifestação da abundância, da hipérbole ou do exagero, além disso, o crítico cita as diferenciações das comichidades: o cômico bufo, o cômico burlesco e o cômico grotesco.

Schneegans evidencia o caráter diferente do riso nesses três tipos. No primeiro caso (cômico bufo), o riso é direto, ingênuo e sem malícia (mesmo o gago poderia ter rido dos seus infortúnios). No segundo caso (burlesco), há uma certa dose de malícia e o rebaixamento das coisas elevadas; além disso, o riso não é direto, pois é preciso conhecer a *Eneida* para apreciá-lo. No terceiro caso (grotesco), assiste-se à ridicularização de certos fenômenos sociais (deboche dos monges, venalidade das mulheres de Paris) levando esses vícios ao extremo; nesse caso, o riso não é direto, pois o leitor deve conhecer os fenômenos sociais visados (BAKHTIN, 1996, p.266)

Como é apontado na citação anterior, o cômico grotesco tem como propósito ridicularizar os fenômenos sociais e, o seu modo de atingir tais objetos zombados é por meio da insatisfação que transmite ao leitor com a imagem do inverossímil, pois segundo Bakhtin:

[...] É essa impossibilidade, essa incapacidade de imaginar que cria um vivo sentimento de insatisfação. No entanto, esse último é vencido por uma dupla satisfação: primeiro, reconhecemos nessa imagem exagerada a depravação e a imoralidade efetivas que reinam nos mosteiros, isto é, recolocamos essa imagem exagerada na realidade; em segundo lugar, experimentamos uma satisfação moral, pois essa imoralidade e essa depravação são fustigadas por meio da caricatura e da ridicularização. (BAKHTIN, 1996, p.267)

O homem sente-se horrorizado com a morte, pois esta não proporciona a estabilidade ou harmonia para a sua existência. Para a sociedade contemporânea, a morte se tornou ainda mais horrenda, porque é uma força natural que causa desprazer à sua existência. Ao sentir-se insignificante na manutenção da ordem sob a sua vida, deixa de confiar no mundo, de maneira que o próprio homem teme por sua existência porque se exige o próprio fim. Logo, entendemos que na sociedade contemporânea, discutir e lidar com os processos da morte se tornaram atos dificultosos, pois a imagem coletiva criada sobre essa figura é algo excessivo e caricaturesco quando nos deparamos com a morte sendo representada como cadavérica, monstruosa e coberta pela mortalha sendo lida como uma projeção do indivíduo sobre si.

[...] É um fenômeno negativo preciso que é ridicularizado, alguma coisa que não devia ser (*Nichtseinsollendes*), e é isso que Schneegans considera a propriedade essencial do grotesco: exagera caricaturalmente um fenômeno negativo. É isso, portanto, que distingue o grotesco da bufonaria e do burlesco. Mesmo que essas duas últimas formas possam admitir exageros, elas não são com efeito dirigidas contra o que não deveria ser. Além disso, no grotesco, o exagero é de um fantástico levado ao extremo, tocado a monstruosidade. (BAKHTIN, 1996, p.267)

Por fim, o retorno da morte no romance serve para duas lições morais: a primeira é que os homens são incapazes de viver eternamente em sociedade e, a segunda, a morte nos cerca e nos relembra a sua presença (*memento mori*). A exemplo disto, a figura cadavérica que representa a morte tem sua feição caricaturesca, horrenda e assombrosa para impressionar qualquer indivíduo, porém, o real temor que os homens sentem sobre a finitude é de que todos terão o mesmo desfecho, desse modo, não haverá cor, raça, crença ou prestígio social que diferencie um indivíduo do outro. A morte é universal e intransferível.

Antes, no tempo em que se morria, nas poucas vezes que me encontrei diante de pessoas que haviam falecido, nunca imaginei que a morte delas fosse a mesma de que eu um dia viria a morrer. Porque cada um de nós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertence-lhe. E os animais, e os vegetais, Suponho que com eles se passará o mesmo. Cada qual com a sua morte, Assim é. (SARAMAGO, 2005, p.73)

Posto isto, o excerto do romance remete ao fato de que a morte é algo intrínseco à condição humana, mas, apesar disso, é possível perceber que a alegoria da morte, a cada instante, é associada ao perverso e ao horrível. O romance de José Saramago,

porém, questiona e condena esse lugar quase desprezível ocupado pela morte, porque o narrador censura os desejos narcísicos das personagens que rejeitam a própria mortalidade. Isso se efetiva no romance quando o narrador ressalta para o leitor o quanto a morte é inaceitável para as personagens, cujas atitudes repreensíveis – a vaidade, a avareza e o egoísmo – começam a ser lidas como características cômicas e obscenas que gradativamente revelam o caráter grotesco do comportamento humano e, que no fim, se contrapõem com a personagem morte colocando-lhe na posição de figura injustiçada. Sendo assim, o romance acentua as imperfeições morais das personagens aos leitores que reconhecem o gesto condenável de alienação destas ao negar a morte como parte constitutiva da vida. Portanto, as peripécias da narrativa saramaguiana propõem que os leitores reflitam sobre o lugar que a morte tem ocupado na existência humana.

Relembrando a sua própria presença – *memento mori* – a personagem, a morte, passa a enviar cartas roxas para notificar às pessoas sobre a volta de suas funções. Diante deste indesejável retorno, às personagens ficam perturbadas com a ideia de morrerem e, novamente, vivem o desespero de fugir da morte - comportamento que lembra aos leitores o grau de repulsa inspirado pela morte - mesmo que ela se valha de um burocrático e cômico agendamento prévio:

Quanto aos trezentos habitantes que haviam recebido a fatídica carta de cor violeta, as maneiras de reagir à implacável sentença variavam, como é natural, segundo o caráter de cada um. Além daquelas pessoas, já mencionadas antes, que, impelidas por uma ideia distorcida de vingança a que com justa razão se poderia aplicar o neologismo de pré-póstuma, decidiram faltar ao cumprimento dos seus deveres cívicos e familiares, não fazendo testamento nem pagando os impostos em dívida, houve muitas que, pondo em prática uma interpretação mais do que viciosa no *carpe diem* horaciano, maltrataram o pouco tempo de vida que ainda lhe ficava entregando-se repreensíveis orgias de sexo, droga e álcool. (SARAMAGO, 2005, p.131)

Segundo Becker (1973), este mal-estar social que os indivíduos sentem ao pensarem sobre o próprio fim é aquietado pelo mecanismo de repreensão para que seja possível continuar a viver:

Mas ainda mais importante é a forma de funcionar da repressão: não é simplesmente uma força negativa se opondo às energias da vida; ela vive à custa das energias da vida e as usa de forma criativa. Quero dizer que os temores são naturalmente absorvidos pelo esforço organizmico expansivo. A natureza parece ter embutido nos seres vivos uma mentalidade saudável inata; ela se expressa no autoprazer, no prazer de estender as qualidades do indivíduo ao mundo, na incorporação de coisas existentes desse mundo. Isso corresponde a uma grande quantidade de experiência positiva, e quando um organismo poderoso se move com essa experiência, ela causa satisfação. (BECKER, 1973, p.34)

Em *As intermitências da morte*, o leitor se depara com as ambiguidades que o narrador descortina nas demais personagens: pensar na própria morte é angustiante, mas

viver eternamente pode ser o eterno calvário. O que é possível concluir neste subcapítulo é que sucessivamente a humanidade será lembrada de seu fim. Historicamente, por meio das Artes e da Literatura, temos representações que expressam o pânico individual e coletivo que aterrorizam as sociedades desde as mais antigas até as contemporâneas. A alegoria da morte retrata os temores das perdas, das conquistas que a humanidade traz consigo, entretanto, todos se originam do nada e retornam ao nada. Assim, as expressões artísticas podem trazer um lembrete consistente sobre a brevidade do tempo que se vive neste mundo, de qualquer forma, a arte sempre está ocupando este papel de observar, sensibilizar e humanizar os comportamentos sociais.

Gobbi (2011) em seu trabalho *Uma representação irônica da morte e da escrita* comenta sobre o momento reservado nos romances de Saramago para abordar sobre as dificuldades das personagens. A autora ressalta estes valores da literatura saramaguiana que se comprometem em apresentar a face dos oprimidos, de modo que, a esperança e a empatia vem desses lugares inesperados, de indivíduos que suportam diversas injustiças sociais mas que ainda persistem em expressar a gentileza e o amor em situações hostis.

[...] o humanismo inquestionável desse autor que acolhia em sua obra os desvalidos de toda sorte – cegos, manetas, trabalhadores da terra, sujeitos espoliados, perseguidos, condenados – justamente para acentuar a sua fé no homem, naqueles que jamais abdicam de seus sonhos e de sua esperança numa salvação que viria não “do alto”, mas da ação e da vontade solidárias, do amor incomensurável e incondicional, único bem capaz de redimir a humanidade (GOBBI, 2011, p.64)

Por fim, o nosso trabalho considera a relevância que a literatura saramaguiana reporta ao público leitor ao retratar a morte sobre um olhar mais empático e humanizador, na qual, todos sentem afeição sobre a sua figura. Apesar das suas descrições no imaginário coletivo que lhe atribui características grotescas, em *As intermitências da morte*, o enredo consegue inverter as qualidades que são valorizadas no mundo real, de modo que, vemos características de repulsa e feiura nos indivíduos que valorizam exacerbadamente a vaidade, a juventude e a imortalidade, enquanto isso, admiramos como a morte pode ser aceitável na nossa vida.

Assim como Gobbi comenta que José Saramago escolhe os desvalidos para contar as suas histórias, observamos que a morte na contemporaneidade é rechaçada constantemente pelo homem, em vista disso, a literatura saramaguiana toma a sua posição de defendê-la e condenar a postura incoerente da Humanidade.

2.3 A MORTE PODE SER BELA⁸

O retorno da morte no romance - comentado no subcapítulo *Memento mori* deste trabalho - ocasiona um sentimento de incompreensão por parte da população e consequentemente gera revolta. Uma carta violeta que comunicava a data e o horário da chegada da morte é enviada para um violoncelista, que inexplicavelmente, não recebe a carta que lhe foi destinada. Diversas tentativas foram feitas pela morte de enviar a carta para o musicista, contudo, sem sucesso. Diante disto, o retorno da carta intriga a morte e, com isto, a sua atenção muda radicalmente na narrativa:

[...] Surpreende-se um pouco a desejar que a carta outra vez enviada lhe venha novamente devolvida que o sobrescrito traga, por exemplo, a indicação de ausente em parte incerta, porque isso, sim, seria uma absoluta surpresa para quem sempre conseguiu descobrir onde nos havíamos escondido. (SARAMAGO, 2005, p.138)

O envio da carta instigou a aproximação da morte para que pudesse investigar o motivo da devolução da correspondência, despertando a surpresa e a curiosidade da morte, pela primeira vez, a respeito da existência humana. A partir disso, convencida da necessidade de realizar uma visita ao violoncelista, esta se prepara para encontrá-lo pessoalmente. No encontro, a beleza inquietante da mulher desorienta o violoncelista. Intimidado pela sua presença, intui que a beleza da morte é quase fatal.

[...] Então, apareceu o violoncelista. Ao vê-la, estacou, chegou mesmo a esboçar um movimento de recuo, como se, vista de perto, a mulher fosse outra coisa que mulher, algo de outra esfera, de outro mundo, da face oculta da lua. Baixou a cabeça, tentou juntar-se aos colegas que saíram, fugir, mas a caixa de violoncelo, suspensa de um dos seus ombros, dificultou-lhe a manobra esquiva. A mulher estava diante dele, dizia-lhe, Não me fuja. (SARAMAGO, 2005, p.193)

A leitura deste excerto permite destacar a representação das figuras femininas na obra de José Saramago, pois, é surpreendente a mudança de tom da narrativa, já que o romance inicia com postura crítica e irônica e com o surgimento da figura feminina há uma transformação da narrativa que a torna mais cordial e cautelosa. Essas nuances perceptíveis durante a leitura evidenciam o intenso desempenho do escritor português em apresentar a morte como necessária à vida, razão pela qual, a corporifica em uma bela e magnética presença feminina. Para Gobbi (2011), a morte consegue se manifestar por meio de alternâncias, como um jogo entre o oculto e a revelação ou entre a presença e a ausência, de acordo com a autora, é ‘‘um fingimento, uma simulação – mas também um exercício de liberdade. Este parece ser um dado significativo na interpretação do

⁸ Este subcapítulo foi desenvolvido a partir da nossa publicação intitulada ‘‘A Pintura, A Literatura e a Morte: Análise da alegoria da morte em As intermitências da morte de José Saramago’’ na Revista Inventário, n.29, Salvador, p.155-168 fev. 2022.

romance: a morte, pela primeira vez, ao menos no contexto em que é inserida na narrativa, age por conta própria, manifesta uma vontade” (GOBBI, 2011, p.66). Como é identificável no excerto anterior, o violoncelista sente-se profundamente afetado pela presença feminina e tal situação, para Berrini, é bastante recorrente na literatura saramaguiana. De acordo com a estudiosa “a voz presente nos romances de Saramago parece prestar preito à mulher, uma vez que em todos eles se reconhece a superioridade feminina, põe-se o narrador sempre ao serviço dela.” (BERRINI, 1998, p.199). Esse aspecto da narrativa saramaguiana afirmado pela autora é verificável em *As intermitências da morte*, visto que a maioria das desaprovações mencionadas pelo narrador satírico tentam restaurar o lugar da morte na vida humana e, esta apenas consegue a sua posição quando assume a sua figura feminina no processo da narrativa.

Posto isto, o enredo atinge um equilíbrio de dualidade que a morte carrega consigo, em termos de desejo e repulsa ou do belo e grotesco. A personagem morte neste cenário saramaguiano demonstra as suas diferentes facetas ao seu público, sendo apresentada pelo narrador como uma potente figura feminina cujas características envolvem ainda o mistério, a intuição e o íntimo.

Segundo Berrini:

O texto, por isso mesmo, e a todo instante, dela se acerca e sobre ela se expressa, diria mesmo com admiração, é um ser à parte superior. Reconhecem os romances, com efeito, que a mulher tem modos próprios de pensar, uma distinta maneira de sentir, raciocinar e entender. Já vimos como, em vários momentos, se queda o homem perplexo, sem perceber de que maneira a mulher conseguiu chegar a certas conclusões e expressá-las, coisas fundamentais e extraordinárias, ditos com naturalidade, de forma simples, aparentemente ingênua. (BERRINI, 1998, p.141)

O romance em estudo concilia a reflexão sobre a relação entre desejo e repulsa inculcada no inconsciente coletivo quando está diante da morte. Tal ato pode ser interpretado no meio estético como uma faceta do grotesco, conforme postulado no Prefácio a *Cromwell* (2007) de Victor Hugo. O romancista francês disserta a respeito dos conceitos de belo e grotesco que podem ser assimilados sobre objeto ou personagem literário:

O belo tem somente um tipo; o feio tem mil. É que o belo, para falar humanamente, não é senão a forma mais considerada na sua mais simples relação, na sua mais absoluta simetria, na sua mais íntima harmonia com nossa organização, mas restrito como nós. O que chamamos o feio, ao contrário, é um pormenor de um grande conjunto que nos escapa, e que se harmoniza, não com o homem, mas com toda a criação. É por isso que ele nos apresenta, sem cessar, aspectos novos, mais incompletos. (HUGO, 2007, p.36)

Em síntese, na obra *As intermitências da morte* a personagem da morte é caracterizada por meio dos valores negativos (grotescos), de maneira imaginada como um esqueleto misterioso, caricaturesco e sombrio, como é citado no livro. O narrador,

então, destaca o quanto o reforço deste imaginário social se torna prejudicial para refletir seriamente sobre a morte:

A morte é novamente um esqueleto envolvido numa mortalha, com o capuz meio descaído para a frente, de modo a que o pior da caveira lhe fique tapado, mas não valia a pena tanto cuidado, se essa foi a preocupação, porque aqui não há mais ninguém para se assustar com o macabro, tanto mais que à vista só aparecem os extremos dos ossos das mãos e dos pés, estes descansando nas lajes do chão, cuja gélida frialdade não sentem. (SARAMAGO, 2005, p.157)

Apesar disso, como havia sido discutido, o grotesco pode apresentar características do belo para que possa compor a sua complexidade. Logo, o belo pode corrigir a feiura do grotesco, repleta de desproporção e desarmonia, e criar novas compensações. A exemplo disto, a morte é apresentada aos leitores como uma personagem desprezada e negada na maior parte do romance, contudo, quando o narrador a coloca em evidência, o leitor entra em contato de um modo intimista e visualiza beleza e modéstia ao ser descrita.

Estás muito bonita, comentou a gadanha, e era verdade, a morte estava muito bonita e era jovem, teria trinta e seis ou trinta e sete anos como haviam calculado os antropólogos, Falaste, finalmente, exclamou a morte, Pareceu-me haver um bom motivo, não é todos os dias que se vê a morte transformada num exemplar da espécie bonita, Também, também mas igualmente teria falado se me tivesses aparecido a figura de uma mulher gorda vestida de preto, ou não tens nenhuma ideia de quem foi marcel proust [...] (SARAMAGO, 2005, p.181)

Através desta percepção, o estudo observa esta relação negativa e positiva entre o homem e a morte, havendo uma tensão magnética entre os dois objetos, momentos em que se aproximam ou se repelem. Esta relação tensa remete à representação alegórica da morte e da donzela, cuja reprodução artística expressam a tentativa e o desejo da morte em usurpar a beleza e a juventude feminina, remete ainda à percepção da morte (uma mulher gorda vestida de preto) por Proust, já doente, segundo sua governanta e confidente Célest Albaret, autora de *Monsieur Proust*. Em resumo, é possível considerar que as inserções dos conceitos estéticos do grotesco e do belo criam este cenário de ambivalência sobre a figura da morte. No começo da obra, a morte era refutada na maior parte do tempo, no entanto, com a introdução do violoncelista no núcleo narrativo, iniciou-se um desenvolvimento mais empático com ela, convertida em uma bela mulher.

Para Aguilera, as personagens femininas apresentam grande força e influência no processo narrativo das obras de José Saramago. A personagem morte pode ser incluída neste elenco, apresentando ao mesmo tempo uma postura rígida e sensível no romance. É neste sentido que, ao utilizar a morte como uma figura feminina, o narrador reforça diversas características positivas sobre ela. Em vista disso, este estudo compreende que ao apresentar este lado sensível, discreto e misterioso proposto na representação de suas

personagens femininas, Saramago leva os leitores a simpatizarem com a personagem, por consequência, gerando novos rumos para a personagem.

A obra de Saramago é também uma literatura sustentada em excepcionais figuras femininas, presentes em seus romances como fulgurantes encarnações do melhor da condição humana. Mulheres discretas, nada enfáticas, enraizadas em séculos de sacrifícios, de abnegação e de amor mantido na adversidade. Mulheres diante de seu destino, em pé com dignidade, graves, austeras e íntegras, responsáveis e imbuídas de coragem, misteriosas e dedicadas, capazes de encarnar uma maneira mais sensível de entender o mundo, de ser para si mesmas e para os outros a cujo resgate acorrem. Em sua invisibilidade e domínio, em que se percebem formas de compaixão de ternura tão sóbrias como profundas. Assumem a contrariedade exemplarmente, quando a rebeldia se manifesta como uma poderosa e serena energia interior. Humildes e leais, generosas e autênticas, nelas Saramago deposita os méritos que mais valoriza, representando em seu conjunto a humanidade desejada. (AGUILERA, 2010, p.260)

Como em *A morte e a donzela*, cuja expressão de desejo e cobiça são dirigidos ao outro, a morte deseja o contato com o violoncelista. A fascinação que experimenta em relação à vida deste homem leva-a ao desvio do seu objetivo. Pela outra parte, o violoncelista encontra uma nova paixão, de maneira que o mistério que envolve a morte lhe atraiendo para a sensação de um perigo apreensivo:

Não vive aqui, Viver aqui, o que se chama viver não vivo, Não entendo nada, falar consigo é o mesmo que cair num labirinto sem portas, Ora aí está uma bela excelente definição da vida, Sou muito menos complicada que ela, Alguém escreveu que cada um de nós é por enquanto a vida, Sim por enquanto, só por enquanto. (SARAMAGO, 2005, p.198-199)

O ponto de vista do violoncelista em relação à morte enfatiza a atmosfera misteriosa e sublime, de modo que a morte atrai a atenção do outro personagem, impressionando-o com o enorme magnetismo que o desconhecido lhe propõe. Surpreendendo o leitor diante desta ligação entre as personagens na qual a comoção é relatada pelo violoncelista, sendo quase incompreensível a ele. Esta impressão de desnorteio, relatada pelo personagem, se assemelha às emoções dos homens que percebem a trivialidade da própria existência. À vista disso, a sensação tenebrosa de que qualquer dia esbarramos na morte acomete os sentimentos mais profundos, entorpecendo, fragilizando e angustiando a disposição de viver. Desse modo, no momento que o violoncelista tenta elaborar seus sentimentos diante da mulher misteriosa – a morte – a atração cria um desassossego em seu espírito da mesma maneira que o sublime causa em qualquer homem ao avistar a iminência de algo que não pode ser superado. Sendo assim, quando o indivíduo se defronta com a própria morte transcende sensações que excedem as experiências mundanas.

A alegoria da morte dialoga com o conceito estético do sublime. Em uma definição geral, o sublime é uma categoria estética que provoca reações sensíveis nos

seus espectadores ao expressar o extraordinário ou o imponente por meio da arte, sendo assim, o sublime transcende a beleza pelo fato de traduzir o inexprimível ao público. De acordo com Edmund Burke:

Tudo que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de um modo análogo ao terror constitui uma fonte do sublime, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. (BURKE, 1993, p.48)

Com isto, o estudo propõe que narrativa saramaguiana vale-se de categorias estéticas para revalorizar a imagem da morte ao dotá-la de características que resultam em um processo humanizador sobre ela. Além disso, é interessante identificar uma possível metáfora que o romance sugere na atração do violoncelista pela morte, cuja inquietude é experimentada quando está diante dela, de modo que o seu fascínio beira a angústia. Apesar desta ambivalência, o romance *As intermitências da morte* (2005) finaliza o ciclo entre os dois personagens de maneira pacífica, aceitável e conciliável, cedendo a interpretação de que vida e morte finalmente se reaproximam.

Então ela, a morte, levantou-se, abriu a bolsa que tinha deixado na sala e retirou a carta de cor violeta. Olhou em redor como se estivesse à procura de um lugar onde a pudesse deixar, sobre o piano, metida entre as cordas do violoncelo, ou então ao próprio quarto, debaixo da almofada em que a cabeça do homem descansava. Não o fez. Saiu para a cozinha, acendeu um fósforo, um fósforo humilde, ela que poderia desfazer o papel com o olhar, reduzi-lo a uma impalpável poeira, ela que poderia pegar-lhe o fogo só com o contacto dos dedos, e era um simples fósforo, o fósforo comum, o fósforo de todos os dias, que fazia arder a carta da morte, essa que só a morte podia destruir. Não ficaram cinzas, A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu. (SARAMAGO, 2005, p.207)

Em suma, com este apaziguamento entre vida e morte, este estudo constata que o movimento das personagens frente às mazelas ocasionadas pelo desaparecimento da morte possibilitou que a população percebesse a sua relevância. Apesar das intensas ridicularizações e denúncias sociais presentes na narrativa, o autor concede uma esperança ao seu leitor. A esperança promovida no romance está na figura do violoncelista que enxerga o maravilhoso, o sublime e o desafio que o amor proporciona. Assim, tanto quanto o violoncelista e a morte se redescobrem e se validam por meio do amor, logo, o último aceno do narrador parece sugerir que amar revoluciona os afetos humanos. Por fim, como Arnaut (2014) afirma sobre a importância das figuras femininas na literatura saramaguiana, pois “deve pôr-se em evidência que o elemento feminino é, no romance saramaguiano, de fundamental importância para o desenvolvimento moral, afectivo, ideológico e, às vezes, físico do elemento masculino”(ARNAUT, 2014, p.09) é interessante observar que o autor vem propor ao seu leitor um resgate dos valores da

contemplação sobre os valores que a Humanidade vem esquecendo nesta sociedade contemporânea por meio de personagens femininas que expõem a força e a sensibilidade para continuarem o caminhar da reconquista da empatia.

3. O COMPROMISSO SOCIAL DO ESCRITOR

Para este capítulo será comentado sobre as motivações e os resultados do trabalho de José Saramago no meio literário, posto isto, iremos refletir sobre as reverberações do meio social na Literatura e vice-versa, investigando a relevância do papel do escritor no meio social e literário e, proporcionalmente, os impactos culturais que um romance pode atingir sobre o público leitor. Sendo assim, este estudo tem como intenção analisar e sinalizar a importância que a Literatura comporta nas vivências humanas pelo fato de alcançar a sensibilidade e a criticidade que estão desaparecidas neste momento de modernidade desenfreada por conta da sua alta produtividade.

Durante a investigação da dissertação foi comentada a relevância do romance de José Saramago para refletir sobre questões relativas às vivências humanas diante da morte e como a Literatura e o gênero satírico assumem papéis de serem os portadores das mensagens e dos discursos enunciados na obra. Por exemplo, em *As intermitências da morte* são identificados recursos satíricos que denunciam os vícios sociais por meio da ridicularização e da ironia. Em vista desta consideração, o crítico literário Hodgart comenta sobre a função do satirista em expressar sua indignação com comentários hostis e irritados que penalizam os vícios humanos, para um satirista, todos os homens são rebaixados no mesmo lugar.

[...] Reduz aos homens a igualdade, humilhando aos poderosos. Nos festivais o louco ocupa o lugar do rei, o menino do coro é o bispo, e a rígida hierarquia social fica transmutada provisoriamente. Assim também, a finalidade da obscenidade dentro da sátira consiste em reduzir ao mesmo nível todos os homens, e a partir de baixo, eliminando as diferenças de posto e riqueza. O objetivo do satírico é deixar em pele os homens e para além das diferenças físicas, um homem desnudado é o que mais se parece ao outro homem (HODGART, 1969, p.28, tradução nossa)⁹

O estudo destaca a consideração das intenções satíricas do romance de José Saramago para denunciar a higienização da morte e o processo utilitarista dos rituais funerários, logo, morrer no período da modernidade deixou de ser litúrgico, perante esta consideração, esta análise se questiona sobre o compromisso literário de José Saramago ao escrever o romance *As intermitências da morte*. Quem favorece estas discussões neste ponto são os autores Carlos Reis em *Diálogos com José Saramago* e Fernando Gómez Aguilera com *As palavras de Saramago*, cujas obras reúnem depoimentos e entrevistas do autor sobre diversos temas sociais e literários.

⁹ Reduce a los hombres a la igualdad, humillando a los poderosos. En los festivales el loco ocupa el lugar del rey, el niño de coro el de obispo, y la rígida jerarquía social queda transmutada provisionalmente. Así también, la finalidad de la obscenidad dentro de la sátira consiste en reducir a un mismo nivel a todos los hombres, y ello desde abajo, eliminando las diferencias de rango y riqueza. El objetivo del satírico es dejar en cueros a los hombres, y aparte de las diferencias físicas, un hombre desnudo es lo que más se parece a otro hombre.

De acordo com Aguilera, José Saramago procurava desmontar a imagem do escritor como um artista “divino” ou messiânico, segundo ele, a profissão de escritor tinha atribuições que eram correspondentes com outras profissões. De maneira resumida, José Saramago afastava a ideia romântica que paira sobre os escritores, levando isso em conta, da mesma forma que um operário manuseia um instrumento para realizar o trabalho, o autor português manuseava a linguagem e a literatura para expressar o seu juízo a respeito da sociedade.

Em suas palavras:

Como o livro é um espelho, um espelho direto, o que mais se aproxima daquilo que somos – e provavelmente é a expressão mais fiel daquilo que somos em cada momento –, então deixá-lo ser como é! Mas, sobretudo – e isso para mim é claro, embora compreenda que os outros não o entendam dessa maneira –, acho que devemos deixar no tempo aquilo que em cada momento desse tempo pudemos fazer e fomos capazes de fazer. Deixar ficar lá! (AGUILERA, 2010, p.199)¹⁰

Diante desta afirmação do escritor, é possível observar a sua percepção sobre a literatura como um reflexo do que há no mundo. Assim, José Saramago assume o compromisso de transfigurar a realidade social por meio dos recursos literários que lhe cabem.

Para compreensão sobre o compromisso social e humano de um escritor, as leituras da obra de Sartre e a sua filosofia humanista esclarecem a responsabilidade que o escritor se propõe com a sociedade. De acordo com a sua filosofia, a convivência social é baseada em contratos ou acordos de responsabilidade entre os indivíduos.

Pelo fato de haver este fardo do comprometimento em todas as decisões, estas incluem os valores sociais e morais, em vista disso, a filosofia humanista define que os homens são responsáveis uns pelos outros porque cada decisão realizada gera consequências positivas ou negativas entre uns e aos outros.

As possíveis escolhas de temas e construções dos romances por José Saramago geram consequências por conta da interpretação do seu público, em vista disso, o estudo reflete sobre os caminhos que o escritor poderia seguir para estabelecer um diálogo efetivo com os leitores no sentido de promover a consciência crítica em relação à obra e o que ela projeta da sociedade. As escolhas que o escritor precisa fazer em seus romances podem gerar interpretações positivas ou negativas sobre o tema retratado do romance.

De acordo com Arnaut (2014), alguns dos romances que foram desenvolvidos pelo autor português esclarecem as problemáticas das utopias. Para a autora, a lição que

¹⁰ “Os livros do nosso desassossego: José Saramago”, setembro, Lisboa, n.1, janeiro-março de 1993 [Entrevista a José Manuel Mendes]

José Saramago deixa aos leitores é pela utopia na distopia ao apresentar ao público que mesmo atingindo o máximo do desejo há a impossibilidade de viver em harmonia. Como um efeito reverso, as adversidades que os próprios indivíduos se impõem ocasionam situações desastrosas por conta das condições humanas, como: o desejo, a inveja, a violência e a ignorância que são impraticáveis na utopia. Contudo, mesmo havendo essas divergências apontadas, as tramas saramaguianas são finalizadas com uma espécie de redenção que pende ao bem, pois ‘’, a crença, a esperança, é, ainda, na redenção da Humanidade. Não uma redenção religiosa, não poderia sê-lo, tratando-se de José Saramago, mas uma redenção humanista e humanitária.” (ARNAUT, 2014, p.07).

Este percurso de (re)aprendizagem, que acarretará a mudança social, ainda que de forma (muito) lenta e, se calhar, impossível (ou não fálássemos de utopia), passa, necessariamente, portanto, ainda que por vezes de modo enviesado, pela construção de universos agônicos e caóticos, que progressivamente consubstanciam a representação de um real que poderá vir a acontecer, a impor-se, se não tivermos em conta os avisos a navegação que os romances também são/pretendem ser. (ARNAUT, 2014, p.07)

Em entrevista, Carlos Reis perguntou a Saramago sobre sua necessidade de escrever e comentar os romances produzidos. Em sua resposta, Saramago afirma que as escolhas que sucedem para que um livro seja elaborado vem desta disposição em compartilhar as inquietações que sente sobre a existência humana, a política, a sociedade e a religião, de maneira sucinta, tudo aquilo que permeia a construção das relações sociais.

De qualquer um dos meus romances creio que se pode demonstrar que foram escritos porque o autor deles tem uma quantas questões a resolver que só pode resolver (ou tentar aproximar-se da resolução delas) escrevendo um livro. Não creio que haja nem venha a haver nenhum livro meu (embora isso também não fosse nenhuma vergonha, evidentemente) do qual as pessoas digam: "Mas porque é que ele escreveu isto?" Não é que eu ache que os livros que escrevi são livros que não existiam (todo o livro que se escreve é porque não existia antes, já sabemos). Não: o que há ali são livros que eu, como cidadão, como pessoa que sou, diante do tempo, diante da morte, diante do amor, diante da ideia de um Deus existente ou não, diante de coisas que são fundamentais (e que continuarão a ser fundamentais), procuro colocar ali o conjunto de dúvidas, de inquietações, de interrogações que me acompanham e que podem ser de carácter tão imediatamente político (é o caso d' A Jangada de Pedra) como podem ser interrogações de outro tipo. (REIS, 1998, p.30-31)

Refletindo sobre as respostas dos escritores a respeito de sua própria produção literária, o filósofo Jean Paul Sartre, em *Que é a Literatura?* questiona sobre os procedimentos e as motivações da existência de uma obra literária e a responsabilidade social do escritor, neste ato que o escritor focaliza o seu olhar e desvenda os elementos da realidade humana. O próprio José Saramago afirmava que suas produções literárias sofrem um processo de externalização das suas percepções. Em vista disso, a literatura saramaguiana desvenda presenças que estavam guardadas ou esquecidas sob os olhos

humanos:

Cada uma de nossas percepções é acompanhada da consciência de que a realidade humana é "desvendante"; isto quer dizer que através dela "há" o ser, ou ainda que o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam; é nossa presença no mundo que multiplica as relações, somos nós que colocamos essa árvore em relação com aquele pedaço de céu; graças a nós essa estrela, morta há milênios, essa lua nova e esse rio escuro se desvendam na unidade de uma paisagem; é a velocidade do nosso automóvel, do nosso avião que organiza as grandes massas terrestres; a cada um dos nossos atos, o mundo nos revela uma face nova. Mas sabemos que somos os detectadores do ser, sabemos também que não somos os seus produtores (SARTRE, 2004, p.33-34)

Neste caso, quando a obra literária é finalizada e entregue ao mundo, esta se encontra ao público e, neste momento, o autor não possui forças para controlar o olhar do seu público, é a partir daqui que o escritor verifica a importância dos caminhos para forjar o seu romance, pois a intenção de escrita não se limita na própria leitura. Portanto, é uma consequência do ofício de escritor nunca escrever para si, como Saramago revelou na entrevista a Carlos Reis que a cada momento que publicava um livro, ele estava sendo escritor e finalizou: “a existência dos leitores (de muitos leitores) e de certo modo também uma pressão não quantificável, mas que eu poderia imaginar que resultava do interesse desses leitores, que me levou a continuar a escrever”. (REIS, 1998, p.30). Por isso, a narrativa empenha-se em dialogar com a sociedade atual e isto se aplica também ao romance *As intermitências da morte*.

À vista disso, foram visualizadas as intenções de José Saramago em articular estes objetivos no enredo de *As intermitências da morte* que espelha os valores distorcidos da sociedade e a censura por meio da ridicularização. Consequentemente, a reação dos leitores ao encontrar o olhar de Saramago em relação ao tratamento da sociedade diante da morte gera uma tensão descomunal quando constatarem as potencialidades dos vícios e dos absurdos colocados em prática, conquanto, esta grande espessura de inquietação mantida pelo romance estimula a interpretação dos leitores sobre o mundo e a morte. Porém, a narrativa deste romance concede o escape aos leitores, por exemplo, por meio do riso que é produzido pelo chiste na tentativa de evadir alguma situação conflituosa:

A vida e o pensamento desenrolam-se numa tensão constante. Tensão que está dentro de nós e fora de nós. Cada vez que essa tensão e contensão ameaçam converter-se em hipertensão, procuramos diminuí-la, descarrega-la. Um dos meios – às vezes, o único, frequentemente o melhor – de passar da tensão à distinção, ao relaxamento, ainda é o chiste. Na medida em que tenha o propósito de descarregar a tensão, o cômico não se opõe ao repreensível ou ao insuficiente, mas ao severo, ao austero (JOLLES, 1976, p.212-213)

Com isto, algumas passagens do romance estabilizam as tensões criadas pelo próprio enredo e que aliviam os leitores nos momentos que o narrador aponta os

comportamentos censuráveis descritos pelo cenário de *As intermitências da morte* e é neste momento que o leitor reafirma o seu compromisso com a leitura do livro, de maneira que, a combinação da percepção do leitor diante da criação da obra origina o desvendamento do livro ao sentir sua criticidade sobre o mundo. Em vista disso, como a criação literária é um objeto que necessita ser desvendado pelo público, o uso de recursos satíricos possibilita que o romance instigue o processo reflexivo do leitor, de maneira sucinta, todos os rumos da narrativa levam à questão central: por que os homens temem a morte?

Seja no mundo literário, onde as personagens fogem das cartas violetas que a morte lhes envia para avisá-los sobre a sua chegada, ou até mesmo, no mundo real, com intervenções médicas e estéticas que afastam a aparência da morte, por fim, a inquietação é generalizada. A partir desta consideração, é possível cogitar a afirmação de Calbucci que examina os romances de Saramago como uma criação de um ambiente que estabelece a narração da História da humanidade por meio da arte.

Para tal, ele se vale, entre outras coisas, da humanização da história, criando personagens (baseados ou não na realidade histórica) que apresentam dramas verossímeis, pois são comuns a todas as pessoas. Por um lado, isso torna a História mais palpável, mais real, mais verdadeira; e por outro universaliza o discurso do romance, deixando-o próximo dos dramas dos leitores, que se identificam com os fatos narrados. (CALBUCCI, 1999, p.101)

No fim das contas, encarar a morte é um ato difícil aos homens e neste romance, o narrador é encarregado de entregar este aviso ao público, como o próprio escritor diz: “A literatura é o que faz inevitavelmente pensar. É a palavra escrita, a que está no livro, a que faz pensar. E neste momento é a escalada de valores” (AGUILERA, 2010, p.185)¹¹. Desse modo, a reflexão proposta por este estudo sobre o papel do escritor diante do seu público é de assumir a incumbência de resgatar a consciência, o discernimento e a sensibilidade. É pelo gesto da palavra que há a potencialidade de sensibilizar novamente a humanidade.

O público leitor necessita assumir o compromisso no processo de leitura para identificar as criticidades dos temas. Em *As intermitências da morte*, a escolha deste narrador satírico para contar as histórias é provocante na experiência desta leitura. Para reforçar esta ideia, Sartre defendia a possibilidade de compor a Literatura com autores contemporâneos, pois para o filósofo, os escritores contemporâneos podem relatar sobre o panorama da atualidade com que convivem.

¹¹ “Entrevista a José Saramago, *Alphalibros*, Mendonza, 2000 [Entrevista a Jorge Enrique Oviedo]

No entanto, quase a despeito de si mesmo, o espelho que apresenta modestamente aos seus leitores é mágico: ele cativa e compromete. Mesmo que tudo seja feito para lhes oferecer apenas uma imagem adulatora e cúmplice, mais subjetiva que objetiva, mais interior que exterior, essa imagem não deixa de ser uma obra de arte, ou seja, tem o seu fundamento na liberdade do autor e constitui um apelo à liberdade do leitor. Por ser uma imagem bela, ela é de vidro, o recuo estético a coloca fora de alcance. Impossível nela comprazer-se, encontrar um calor confortável, uma indulgência discreta; ainda que formada pelos lugares-comuns da época e pelas complacências cochichadas que unem os contemporâneos como um cordão umbilical, essa imagem é sustentada por uma liberdade, e por isso ganha uma outra espécie de objetividade. (SARTRE, 2004, p.75-76)

Como Sartre, ao afirmar que a obra literária espelha a realidade e revela os enigmas do mundo aos leitores, José Saramago com seu romance *As intermitências da morte* visualiza o receio da humanidade quanto à figura da morte e explora vários pontos de vista para ampliar o olhar do público. Além disso, este estudo considera que a obra literária é uma criação que se dirige diretamente à subjetividade do leitor. Apesar da obra literária ser um produto da literatura, o romance requer a sua feição contemplativa, ele precisa apelar para a atenção do seu público para que seja lido e validar a sua finalidade. De alguma maneira, a obra literária precisa ser composta deste elemento misterioso que desperta a curiosidade para o desvendamento, mas a literatura consegue atingir regiões de contemplação e inquietação. A literatura presta-se também a incomodar a humanidade e retirá-la, mesmo que momentaneamente, da passividade.

Apesar dos apontamentos indicados pela abordagem sartreana, cuja avaliação revela que a literatura é um objeto que precisa ser desvendado pelo público, tal concepção é discutida por Roland Barthes, que compreendia a proposta literária de Sartre como uma escrita ornamental e instrumental, de modo que se escreve para atingir os leitores. O viés barthesiano compreende inversamente a literatura, de modo que ela não é um instrumento da humanidade, pelo contrário, utiliza os homens e a sua linguagem como instrumento de expressão que vão além de si. É neste quesito que José Saramago questiona sobre a função do escritor e afirma que o seu incentivo na produção literária não é atrelado a uma bandeira propagandista.

Na entrevista a Carlos Reis. Saramago afirma:

Eu não separo a condição do escritor da do cidadão, embora separe, sim, a condição do escritor da de militante político. Isso separo. Mas há que considerar aqui uma outra questão: é certo que as pessoas me conhecem como escritor; mas também há com certeza muitas pessoas que, independentemente da maior ou menor importância que elas reconheçam na obra literária que faço, entendem talvez (é uma hipótese) que aquilo que digo como cidadão comum e interessado é importante para essas mesmas pessoas. Embora eu saiba que é o escritor que transporta às costas a possibilidade de ser esta voz. (REIS, 1998, p.38)

Para Barthes, o fazer literário pretende resgatar o ato da linguagem por meio da Literatura, é a partir daqui que é originado o vínculo comunicativo entre autor e público. Baseando-se nisso, o estudo considera que muitas das impressões particulares de José Saramago são compartilhadas em suas obras, até mesmo, o autor revela que as personas escritor e cidadão são indissociáveis. Tal consideração é analisada por Calbucci (1999) que identificou estas manifestações nas obras, logo, esta ressonância da voz de um escritor na obra é evidente nos comentários dos narradores saramaguianos. Na afirmação do crítico literário, o narrador recebe traços das idiossincrasias do seu criador e que o leitor imediatamente reconhece. Esta condição afirmada por Calbucci, (1999) é visível no caso do narrador de *As intermitências da morte* que relata as omissões das instituições e do governo a respeito da ausência da morte e, consequentemente, prejudicando a população; a criticidade das instituições religiosas que tentam manter o controle moral, político e religioso; portanto, os acontecimentos expressados na narrativa se assemelha com a postura do autor. Posto isto, a posição de José Saramago é semelhante à postura do narrador satírico, consequentemente, o público interpreta esta criticidade como a voz do autor, de modo que, a sua linguagem é um condutor entre o criador e os leitores.

Toda essa liberdade que se pode reconhecer nos meus livros resulta fundamentalmente da posição em que me coloco como um narrador realmente onisciente, onipresente e que, de certa maneira, está disposto a manipular tudo o que vem relacionado não só com a narrativa propriamente dita, mas também com as ilusões do próprio leitor. Imagino-me muito mais como alguém que está falando do que como alguém está escrevendo. Isso explica as digressões, as interrupções, o deixar coisas em suspenso para retomá-las mais adiante enquanto se introduz um comentário irônico de tipo sociológico ou até político. Quando se chega no final do livro, capta-se a imagem de uma coerência completa, que não decorre de nenhum esquema rígido prévio. Isso tem como resultado uma completa liberdade no ato de escrever, introduzir no livro situações que nunca teria sido capaz de imaginar antes de me pôr a escrevê-lo e que surge do próprio processo de criação livro (AGUILERA, 2010, p.221)

Apesar desta afirmação do próprio escritor em se considerar como autor-narrador, este estudo compreende que as impressões íntimas, morais e políticas não afetam e não induzem nas interpretações e nos comportamentos dos leitores. Até o momento no processo de escrita, este trabalho reitera a consciência do autor em não desejar seus romances como panfletários ou propagandistas. A literatura saramaguiana propõe a abertura de diálogo sobre as perspectivas do mundo, posto isto, Aguilera esclarece o autor-narrador e seu funcionamento:

Em seus romances, o autor-narrador se transforma numa figura central, vigorosa e totalizadora. É capaz de reordenar subjetivamente a temporalidade, amalgamando sua própria circunstância ao ciclo dos fatos relatados, de interferir no curso do relato mediante digressões maiores, de se sobrepor às

lógicas da continuidade espacial, de interpelar o leitor e estabelecer complicitudes com ele. (AGUILERA, 2010, p.219-220)

Conforme é afirmado, a literatura saramaguiana não propõe influenciar os seus leitores por meio de propagandas partidárias e ideológicas, pelo contrário, seus romances contribuem na reflexão por meio da leitura ao submeter os leitores às situações inquietantes e descabíveis disfarçadas pelos recursos alegóricos, portanto, José Saramago nos oferece a percepção de que artistas - escritores - podem se posicionar criticamente diante da sociedade por meio da Arte. Apesar do seu posicionamento que aparenta como um homem pessimista sobre o rumo da Humanidade, o autor português consegue expor as suas criticidades sobre o mundo, ao revelar que os homens se importam com a conquista de bens materiais ao invés de terem atenção à sua própria existência:

Em derradeira instância, aos múltiplos comentários de sentido e melancólico desalento sobrepõem-se outros, talvez em menor número, mas, ainda assim, de fundamental importância, que evidenciam a constante procura do que o Homem pode/poderia ser. Como diz a rapariga dos óculos escuros em Ensaio sobre a Cegueira, “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome. É isso que somos” (Saramago, 1995: 162). E é isso que o autor procura, e nós com ele; e é isso que o autor acha em algumas das suas personagens. É isso, também, que parece ser descortinado pelo médico do mesmo romance, quando levanta a hipótese de os olhos que levou a vida a observar serem, eventualmente, “o único lugar do corpo onde talvez exista uma alma” (Saramago, 1995: 135) (ARNAUT, 2014, p.07)

Em frente a esta discussão sobre os valores distorcidos que a sociedade atual propõe em valorizar a excelência da produtividade, apropriação de bens materiais e a exigência do sucesso. Terry Eagleton comenta sobre os malefícios que a ideologia traz ao homem e a sociedade:

Afirmar, em uma conversa corriqueira, que alguém está falando ideologicamente é, com certeza, considerar que se está avaliando uma determinada questão segundo uma estrutura rígida de ideias preconcebidas que distorce a compreensão. Vejo as coisas como realmente são; você as vê de maneira tendenciosa, através de um filtro imposto por algum sistema doutrinário externo. Há, em geral, uma sugestão de que isso envolve uma visão extremamente simplista do mundo - que falar ou avaliar “ideologicamente” é fazê-lo de maneira esquemática, estereotipada, e talvez com um toque de fanatismo. Aqui, portanto, o oposto de ideologia seria mais “verdade empírica” ou “pragmática” do que “verdade absoluta”. Esse ponto de vista tem o venerável apoio do sociólogo Émile Durkheim (as pessoas comuns ficariam satisfeitas de saber disso), para quem o “método ideológico” consiste no “uso de noções para governar a colação dos fatos, mais do que derivar noções deles”(EAGLETON, 1998, p.17)¹²

Uma das questões sempre ressaltadas sobre o processo de escrita de José Saramago é o embate entre a imagem de autor e cidadão, para o próprio Saramago, isto é uma característica indissociável, pois como ele mesmo observa: “Não. Não me escondo

¹² DURKHEIM, Émile. The Rules of Sociological Method, London, 1982, p.86.

por trás do narrador. Saramago é o autor e é ele quem conta o que me conta.” (AGUILERA, 2010, p.223)¹³. Apesar disso, a consideração da via barthesiana afirma a diferença entre o *scriptor* e o escritor. Para Barthes, o escritor é o sujeito cidadão que se relaciona com o mundo, enquanto isso, o *scriptor* é o sujeito a parte que se relaciona com o mundo literário, mediante a isso, o estudo entende que boa parte dos esclarecimentos do autor com o mundo são transferidas nas obras literárias como atos reflexivos, resumidamente, José Saramago se traja com a Literatura para clarificar as essências da humanidade.

Portanto, na tentativa de refletir sobre esta relação dicotômica entre narrador e escritor, o estudo compreende que esta separação entre os dois não se faz necessária, pois esta “confusão” existente permite que haja uma maior interatividade do público com o escritor, diminuindo a distância entre os dois. Conforme é dito por Berrini (1998) o Eu Narrador de José Saramago influência nas observações que são reveladas nas obras:

Faz-se sabedor por excelência, o Mestre. Por vezes é um *eu* que insensivelmente nos remete ao próprio autor. Outras, esse *eu* é substituído por um *nós* e na sua se adensam muitas vezes. O *nós* será então o narrador mais o leitor, ou mais esta ou aquela personagem.” (BERRINI, 1998, p.57)

Desse modo, é percebido que José Saramago propicia uma articulação da sua linguagem com o mundo, de maneira que o autor desenvolve novas formas de manifestar as vozes das personagens e do narrador pela fluência das vozes – narrador e personagens – se intercalando, de modo que se fundem e compartilham reflexões.

Conforme Berrini comenta:

A primeira relação que estabelece, portanto, é com a sua história. Conhece-a em pormenor e, artista, sabe como encaminhá-la: os momentos em que deve sofrê-la ou, pelo contrário, torná-la mais célere e viva. Não se preocupa em ocultar ou disfarçar as estratégias e armas que utiliza. Com inteligência e muito humor, num jogo franco, prazerosamente conduz o relato para os objetivos que tem em mente. Uma jornada segura. Previne os possíveis obstáculos às escolhas que faz, entre outras a de personagens que talvez sejam alvos de restrições. (BERRINI, 1998, p.59)

Por fim, esta sensação de assimilação que o público sente na leitura é comum, pois os comentários do narrador possuem, no fundo, um eco da voz de Saramago. É durante estes momentos que a leitura assume a semelhança na postura do seu criador. No entanto, o compromisso do desvendamento deve ser observado por ambas as partes, pelo autor que concede a escrita ao público e pelo leitor que se compromete em acolher esta obra com atenção. Como foi discutido durante este estudo, os temas retratados nos livros de Saramago são relacionados com o mundo real, de acordo com suas impressões e suas

¹³ “Yo no entiendo...”, El Mercurio, Santiago do Chile, 20 de novembro de 1994.

posições sobre os acontecimentos do dia a dia. Este trabalho reitera que as produções literárias realizadas pelo escritor não têm por finalidade de serem propagandistas ou panfletárias, sendo assim, o ateísmo ou o comunismo que são posições ideológicas do autor não estão implicadas em seus romances como modo de conversão e difusão ideológica. Por fim, o fato do autor utilizar estas manifestações em *As intermitências da morte* seria uma maneira de manter o seu discurso irônico e pessimista, como é comum nos romances escritos por ele, além disso, é por estes recursos que esta postura repreensiva denuncia os abusos que ocorrem na sociedade contemporânea.

A utilização de recursos satíricos para narrar a trajetória da morte demonstrou-se uma escolha muito perspicaz, pois, conciliados com o riso, geram um alívio momentâneo na tensão da narrativa, que é revestida de densidade e tensão só ocasionalmente atenuadas pelo narrador. Logo, os efeitos cômicos expressados durante a narrativa concedem um respiro aos leitores. Dessa maneira, este trabalho acredita que os mecanismos do discurso indireto e da ridicularização suavizam quando abordam sobre a morte.

Era fácil mentir, dizer compungidamente, Coitadinho, lá está, quando a vizinha perguntasse no patamar da escada, E então como vai o avozinho. Agora tudo seria diferente, haveria uma certidão de óbito, haveria chapas com nome e apelidos nos cemitérios, em poucas horas a invejosa e maledicente vizinhança saberia que o avozinho tinha morrido da única maneira que se podia morrer, e que isso significava, simplesmente, que a própria cruel e ingrata família o havia despachado para a fronteira. Dá-nos muita vergonha, confessaram. A *maphia* ouviu, ouviu, e disse que ia pensar. Não tardou vinte e quatro horas. Seguindo o exemplo do ancião da página quarenta e três, os mortos tinham querido morrer, portanto seriam registrados como suicidas na certidão de óbito. A torneira tornou a abrir-se. (SARAMAGO, 2005, p.70)

A expressão artística de José Saramago no âmbito da literatura promove as grandes potencialidades do trabalho com a linguagem, de modo que é por meio dela que os leitores transformam seus próprios olhares sobre as representações sociais, culturais, políticas e artísticas. Logo, o ofício da escritura exige um comprometimento que supera os níveis estéticos da arte, por exemplo, a literatura assume o vínculo de responsabilidade com o público para esclarecê-lo sobre o mundo, retirá-lo da escuridão e das sombras da Caverna de Platão. É por meio da sensibilização da escrita que o leitor baixa as suas defesas e concede o espaço de compreender a realidade. Em vista disso, José Saramago afirma “ A atividade literária pode ser também uma ação política sem deixar de ser literária” (AGUILERA, 2010, p.181) e, por fim, coloca todos os homens na frente do espelho para revelar os absurdos de seus comportamentos.

3.1 O TEMERÁRIO DESEJO HUMANO DE VIDA ETERNA

Como foi discutido neste trabalho, o desaparecimento da morte não beneficiaria a humanidade pelo principal fator de que ninguém está preparado para viver eternamente, especialmente pela convivência forçada com a velhice e com a enfermidade. O Estado é corrompido pelo desespero ao invés de assumir a postura de responsabilidade, negando a assistência básica para a população. Como consequência disto, o sistema de saúde torna-se defasado diante do excesso de pacientes não-mortos, além disso, a história se desdobra no acontecimento do Estado em aceitar a presença da *maphia* nas fronteiras para controlar e subornar a população que pretende realizar a travessia para acharem a morte. E como foi esclarecido neste trabalho, muitas referências expostas na ficção se baseiam na realidade, sendo assim, o leitor é confrontado com este questionamento: seria mesmo absurdo este acontecimento em *As intermitências da morte* já que isto reflete muito do que ocorre no cotidiano do mundo real? Para isso, neste capítulo será discutido sobre o sentimento de insuficiência humana em não conseguir aceitar a finitude como parte da sua constituição e como a literatura de José Saramago tenta dialogar com os leitores sobre esta problemática.

De acordo com Gobbi (2000), o discurso da ironia assume formas indiretas que podem representar qualquer temática, pois a ironia permite que haja estas duas medidas da seriedade e da “brincadeira”, logo, o discurso irônico permite falar sobre assuntos críticos com o tom jocoso.

[...] A ironia aponta para o caráter ilusório da representação, para a *irrealidade* do texto ficcional, que se assume plenamente como mundo inventado, ao qual se permite, inclusive, brincar com a “verdade”. Mas esta “brincadeira” leva a uma *ambivalência* – e, como tal, insolúvel. O que queremos dizer é que, de fato, elogio e ceticismo, afirmação e negação se unem neste *talvez* intransponível do romance, emblemático do modo como Saramago concebe as relações entre ficção e a história. (GOBBI, 2000, p.145)

Mesmo os leitores habituados ao estilo de José Saramago se surpreendem com as ideias existencialistas e pessimistas que são expressas na narrativa por conta das novas circunstâncias geradas pelo escritor, de modo que a inquietação sentida pelas personagens é transmitida aos leitores. O enredo fica completamente instável diante da eternidade. Logo, os estratos sociais, econômicos e religiosos se fragilizam. Para o escritor, mostrar estas fraturas sociais e políticas é importante para que haja uma revelação para o leitor que está anestesiado com os absurdos que ocorrem na sociedade atual.

Jamais na história da humanidade estivemos tanto em uma caverna olhando para as sombras como agora. Isso não tem tanto a ver com o predomínio das imagens sobre as palavras, mas sim que estamos vivendo em meio a algo que

se pode chamar de cultura da banalidade, da frivolidade, e nenhuma delas deve ser usada para isso. Há uma espécie de deserto no que se refere a ideias (AGUILERA, 2010, p.460).¹⁴

Diante disso, o estudo percebe que na criação dos acontecimentos absurdos do romance são expostas as fissuras da moralidade religiosa e da autoridade política, afetadas por um evento que está fora do domínio dos homens, assim, José Saramago expõe o iminente desmoronamento da fé religiosa e a ineficiência do Estado e, como resultado, a imortalidade torna-se um fato angustiante aos indivíduos que percebem este fato como motivo de afastamento do reino prometido nos céus ou como mais um obstáculo para o governo lidar. De qualquer forma, em *As intermitências da morte*, não há escapatória dos infortúnios que a eternidade carrega consigo. Conforme a perspectiva do romance, o homem nunca foi destinado à eternidade e cabe ao narrador afirmar a letalidade da humanidade ao dizer que “a morte, por si mesma, sozinha sem qualquer ajuda externa, sempre matou menos que o homem”. (SARAMAGO, 2005, p.107).

O tema da eternidade é encontrado em obras literárias, a exemplo disto, o conto *O imortal* do escritor argentino Jorge Luís Borges, que narra a busca de um homem pela eternidade. O personagem precisa resistir a uma viagem perigosa para encontrar a Cidade dos Imortais. Tal alegoria literária remete à busca dos homens atuais que decidem investir em diversos recursos para alcançar a longevidade humana, sendo assim, a maior expectativa da personagem era o descobrimento da cidade eterna para adquirir o pleno conhecimento desta façanha. Porém, ao realizar a travessia e lidar com os percursos perigosos, a personagem depara-se com uma cidade em ruínas no momento que estava numa margem de rio.

O personagem se encontrava confuso diante da situação e, apesar da desorientação, o anseio que insistia em conquistar a eternidade motivava-o, pois como este mesmo afirma: “o desejo de ver os Imortais, de tocar a sobre-humana Cidade me impedia de dormir” (BORGES, 1999, p.14). Esta inquietação comentada no conto é evidenciada também em *As intermitências da morte*, cujas personagens negam a presença da morte e desejam uma eternidade com um grande fervor, como é descrito nesta passagem:

Era impossível resistir a um tal fervor patriótico, sobretudo porque, vindas não se sabia donde, haviam começado a difundir-se certas declarações inquietantes, para não dizer francamente ameaçadoras, como fossem, por exemplo, Quem não puser a imortal bandeira da pátria à janela da sua casa não merece estar vivo, Aqueles que não andarem com a bandeira nacional bem à

¹⁴ “Saramago dice que el hombre jamás ha estado ante tantas sombras como ahora”, *La Provincia*, Las Palmas de Gran Canaria, 7 de janeiro de 1999 [Correspondência de Sixto Martínez]

vista é porque se venderam à morte, Junte se a nós, seja patriota, compre uma bandeira, Compre outra, Compre mais outra, Abaixo os inimigos da vida, o que lhes vale a eles é já não haver mais morte. (SARAMAGO, 2005, p.24)

O que o estudo percebe são os diálogos estabelecidos com os leitores para abordarem sobre o tema da eternidade, ambos demonstram esta dedicação fervorosa das personagens para conquistar a eternidade. Tanto Borges quanto Saramago introduzem recursos alegóricos para relatarem este sentimento distorcido que a humanidade expõe para conquistar a imortalidade, mais uma vez a Literatura atua como interlocutora do público para que haja uma maneira de se comunicar sobre os absurdos que são cultivados socialmente e moralmente. Diante desta constatação, há uma passagem posterior no conto borgeano, na qual é narrado o encontro dos habitantes e cuja personagem principal repara que os homens instalados naquele território desconhecido apresentavam dificuldade para se comunicarem. Como um corte incisivo, a narrativa revela aos leitores que tais indivíduos eram os habitantes da cidade imortal, estes, impossibilitados de qualquer expressão comunicativa (linguagem ou mímica), impele ao personagem a chamá-los de trogloditas, visto que, tal denominação condiz à condição de um indivíduo desprovido de conhecimento e de comunicação. Apesar deste epíteto concedido aos habitantes, a personagem tenta ensinar para um destes as simbologias e expressões comunicativas para falar, no entanto, tal processo é frustrado:

[...] Estava atirado na areia, onde desenhava grosseiramente e apagava uma fileira de sinais que eram como letras dos sonhos, que está a ponto de entender e logo se juntam. A princípio, pensei que se tratasse de alguma escrita bárbara; depois vi que é absurdo imaginar que homens que não chegam à palavra cheguem à escrita. Além disso, nenhuma das formas igual a outra, o que excluía ou afastava a possibilidade de serem simbólicas. O homem as traçava, olhava e corrigia. (BORGES, 1999, p.17-18)

Por mais que não houvesse a comunicação estabelecida entre as duas figuras, a companhia do troglodita nesta trajetória gerava uma simpatia, com isto, para que pudesse identificá-lo, o viajante o nomeou como Argos. O nome escolhido, “Argos”, faz referência ao nome do cão de Ulisses em *Odisseia*, aludindo ao referencial simbólico do companheirismo e da obediência que o animal representa.

Apesar dos leitores não saberem muito sobre a história de Argos no conto, o autor argentino realiza o mesmo efeito de Saramago para segurar a atenção do leitor, de modo que os dois autores constroem expectativas enormes nas personagens e as destroem posteriormente. A exemplo desta quebra de expectativa, os leitores descobrem que Argos consegue recobrar a própria consciência, em uma descrição piedosa:

[...] Caía a noite; sob as nuvens amarelas, a tribo, não menos feliz que eu, se oferecia aos vívidos aguaceiros numa espécie de êxtase. Pareciam coribantes

possuídos pela divindade. Argos, de olhos erguidos para o céu, gemia; torrentes rolavam-lhe pelo rosto, não só de água, mas (soube-o depois) de lágrimas. (BORGES, 1999, p.19)

Neste instante, encontramos um cenário intenso e sensível que a literatura borgeana apresenta aos leitores, pois é revelado durante a narrativa que Argos é um dos habitantes da cidade eterna, deste modo, o autor argentino expõe uma fatalidade civilizatória: a eternidade. A idealização da imortalidade como progressista e esperançosa é devastada quando é revelado que Argos é a figura da decadência humana que foi ocasionada pela eternidade.

Então, com mansa admiração, como se descobrisse uma coisa perdida e esquecida há muito tempo, Argos balbuciou estas palavras “Argos, cão de Ulisses”. E depois, sem olhar-me “Este cão atirado no esterco”. Facilmente aceitamos a realidade, talvez por intuirmos que nada é real. Perguntei-lhe o que sabia da *Odisséia*. A prática do grego lhe era penosa; tive de repetir a pergunta. “Muito pouco”, disse. “Menos que o mais pobre rapsodo”. Já terão passado mil e cem anos desde que a criei”. (BORGES, 1999, p.19)

Semelhante ao conto de Borges, *As intermitências da morte* também reafirma o esfacelamento do homem se vivesse com a imortalidade, ambas histórias querem alertar ao público sobre os riscos do viver eternamente, no romance de José Saramago há a expressão da repugnância do homem em relação à morte. Diferentemente de Borges, o escritor português prega um ensinamento doloroso e árduo via personagens, como este estudo vem comentando, tal atitude demonstra uma posição de um satirista para censurar os comportamentos nocivos do homem. Por aqui, tem-se a confirmação de que morrer é um ato natural e contrariá-la traria um ato mais desastroso ao homem:

[...] só há que vê-lo como demonstração de que o normal ainda não se retirou de todo do mundo, e o normal, escusado seria dizê-lo, é pura simplesmente, morrer quando nos chegou a hora. Morrer e não pôr-se a discutir se a morte já era nossa de nascença, ou se apenas ia a passar por ali e lhe deu para reparar em nós. Nos restantes países continua a morrer-se e não parece que os seus habitantes sejam mais infelizes por isso. Ao princípio, como é natural, houve invejas, houve conspirações, deu-se um ou outro caso de tentativa de espionagem científica para descobrir como o havíamos conseguido, mas, à vista dos problemas que desde então nos caíram em cima, cremos que o sentimento da generalidade da população desses países se poderá traduzir por estas palavras. Do que nós nos livramos. (SARAMAGO, 2005, p.75)

Ambos os autores colocam suas personagens em empreitadas arriscadas que envolvem perigos sobre a própria existência, Segundo Sotta (2022) em seu livro *Labirintos de Borges e Saramago: espaço, palavra e identidade*, a ideia de impor diversos obstáculos que induzem a necessidade de fazerem escolhas - como os labirintos - que podem “provocar a transformação, fortalecimento, crescimento e amadurecimento espiritual do indivíduo, na medida em que o conduzem gradativamente ao interior de si próprio” (SOTTA, 2022, p.37). Além desta tentativa do reencontro consigo mesmo que

as personagens de Borges e Saramago tentam compreender na sua própria identidade os rumos que as escolhas que projetam na sua existência. Em *As intermitências da morte*, por exemplo, as personagens se encontram totalmente desorientadas quando se defrontam com a dificuldade que a eternidade impõe, por conta disso, retomar os passos de uma convivência coletiva em uma maneira organizada torna-se desorientante, enquanto no conto borgeano - *O imortal* - os empecilhos enfrentados pelo personagem principal a fim de encontrar a Cidade dos Imortais, segundo a leitura, seria um dos menores contratempos para o personagem viajante. Pelo fato de haver muitos caminhos para serem percorridos e desvendados para que fosse alcançada a total compreensão sobre o ser humano e a sua história. Por meio disto, é interessante observar que os escritores utilizam narrativas nas quais as personagens sentem-se desamparadas em um ambiente descontrolado e cujas atitudes e escolhas definem a saída ou a permanência destas nas histórias:

Segundo Sotta:

Outra tensão ativada é entre exterior e interior. O labirinto pode manifestar-se em um espaço físico ou consistir em uma confusão racional, intelectual, emocional, onírica dos personagens. O exterior pode ser projeção do interior ou vice-versa. Os falsos caminhos que um labirinto pode conter instauram ainda a oposição entre realidade e ilusão. A natureza enganadora do percurso faz o peregrino ter de lidar com miragens, jogos de identidade, com o falseamento daquilo que o circunda, com o confronto entre o visível (aparência) e o invisível (essência). (SOTTA, 2022, p.39)

Por fim, o estudo compreende que a Literatura borgeana e saramaguiana conseguem dialogar entre si ao abordarem os pontos prejudiciais que a eternidade pode ocasionar na Humanidade, de modo que os homens não conseguem conviver com a imortalidade, pois isto poderia definir o definhamento da civilização e da sociedade. Assim, por meio de uma perspectiva filosófica que ambas as literaturas trazem em suas narrativas e atingir a consciência crítica do público.

3.2 A MEDIAÇÃO DE UM DIÁLOGO ANGUSTIANTE

A partir do que havia sido comentado no subcapítulo deste trabalho - *O temerário desejo humano de vida eterna* - É interessante observar como os temas e as perspectivas semelhantes adotadas por Borges e Saramago para tratar das dificuldades exasperantes que a imortalidade poderia acarretar na sociedade. Mais uma vez a Literatura assume o seu papel de condutor que estabelece um diálogo responsável, sensível e estético com os leitores. Logo, entendemos que é neste momento que os escritores assumem o compromisso com a sociedade ao precaver sobre as negatividades atribuídas a respeito da eternidade, porque ser imortal é renunciar a própria humanidade e a literatura se dispõe a resgatá-la:

Nem todos os lugares em que o homem vive são sempre humanos. A função dos que têm a responsabilidade do governo e também dos artistas consiste na obrigação de fazer o mundo cada dia mais humano. Por viver em comunidade, nossa missão, que não é histórica nem muito menos divina, consiste em construir humanidade. Isso tem de ser uma preocupação diária, para que a queda de todos os dias se detenha (AGUILERA, 2010, p.156)¹⁵

A obra de José Saramago revela o olhar sobre o mundo de uma forma reflexiva e filosófica. Como foi mencionado neste trabalho, o autor português discute sobre a problemática da sociedade tratar a morte como uma imperfeição na existência humana, sendo uma passagem desprazerosa. Para que houvesse uma superação neste assunto seria necessário o questionamento e o entendimento sobre a presença da morte, a partir disso, o filósofo Àries (2012) disserta sobre esta dificuldade que a sociedade moderna sofre com o afastamento da morte ao refutar o processo de luto.

[...] A proibição do luto leva o sobrevivente a aturdir-se com o trabalho ou, ao contrário, a atingir o limite da loucura, a fingir que vive na companhia do defunto, como se este ainda estivesse presente ou ainda, a colocar se em seu lugar, a imitar seus gestos, palavras e manias e, por vezes em plena neurose, a simular os sintomas da doença que o matou. Vê-se, então, reaparecer manifestações estranhas da dor exaltada. (ARIÈS, 2012, p.242)

Saramago refletiu sobre este aspecto abordado por Ariès, o qual envolve a rejeição da finitude pelos indivíduos. De acordo com entrevista a Carlos Reis, esta dificuldade era ocasionada pelos “intermediários de Deus” que reprimem as vivências dolorosas e desoladas que a morte provoca no homem, o processo de luto é fundamental para os indivíduos compreenderem o sentimento da perda e assimilarem a presença da morte, consequentemente, o que acontece são alguns agentes – instituições religiosas e sociais – que silenciam o direito do luto.

Simplesmente o que eu não posso ignorar nem esquecer não é a presença de Deus, mas a presença dos intermediários: aqueles que se instituíram como

¹⁵ “El paso del gran pesimista”, *Seminario Universidad*, São José, Costa Rica 30 de junho de 2005 [Entrevista a Vinicio Chacón]

intermediários de Deus condicionaram e continuam a condicionar em grande parte a nossa vida, o nosso modo de viver, o nosso próprio modo de pensar. Assim, a minha guerra, se vamos chamar-lhe assim, não é com Deus - que, aliás, se existisse eu não seria capaz de entender, nem creio que ninguém pudesse entender uma entidade como essa. Só que eu creio que sou de certo modo um espírito religioso, e não só no sentido etimológico. (REIS, 1998, p.106)

Ferraz (2012) em *As faces de deus na obra de um ateu: José Saramago* disserta sobre a abordagem do escritor português a respeito das entidades religiosas em seus livros, como em *A terra do pecado*, *Memorial do convento*, *O evangelho segundo Jesus Cristo* e entre outros, a autora aborda uma questão relevante que foi comentada anteriormente nos diálogos com Carlos Reis, na qual o escritor português dedica-se a questionar a identidade de Deus, como Oliveira comenta “o autor não utiliza o argumento cosmológico, moral, ontológico, teleológico para questionar a existência de Deus.”(FERRAZ, 2012, p.231). Diante disso, as críticas que concernem à religião e às imposições ideológicas, atreladas à moralidade, não são justificadas na literatura de José Saramago, é o inverso disto, pois a intenção é de revelar os excessos dos dogmas religiosos sobre toda a existência humana, até mesmo na morte.

Por meio do estudo intrínseco do texto saramaguiano, constatamos que a estrutura literária dos romances do autor está impregnada direta ou indiretamente da realidade social do cristianismo, especificamente, centrada em uma pessoa da Trindade - Deus. A obra do escritor português reflete aspectos da realidade social do Ocidente, expressando a importância de Deus dentro da cultura e do pensamento ocidental. Esse tema é a origem de questões básicas em sua obra, questões que despertam perplexidade. Esse tópico que atravessa séculos e milênios, nas mãos do autor, não é algo cansativo, desgastante, uma vez que ele o transforma num instigante, polêmico e atualíssimo tema. O escritor português age como um pintor que sabe extrair diversos quadros do mesmo assunto, sempre de maneira original e inovadora. O tópico se repete, mas sempre vislumbrado por um novo ângulo e Saramago, evidenciando um grande desassossego em relação a este tema, acaba fazendo uma hermenêutica literária de Deus. (FERRAZ, 2012, p.232)

O estudo observa, de uma maneira comparativa, que os escritores utilizaram a literatura para retratar a negação da morte na sociedade, um assunto pouco discutido coletivamente. Por exemplo, da mesma maneira que Saramago critica acidamente o narcisismo das personagens ao renegar a própria morte, o escritor argentino também reconhece a mesma problemática ao colocar a personagem principal em busca de uma cidade eterna, mas decadente – pois, os próprios habitantes não resistiram à força do tempo. Para esclarecer esta questão, a autora Souza Mendes (2008) em *A eternidade de Jorge Luís Borges* comenta sobre as associações filosóficas e sociais que Jorge Luís Borges produz por meio da Literatura em relação ao tempo e à eternidade.

Como essa investigação escolheu o conto *O imortal* para ser comparado com a

narrativa de *As intermitências da morte*, é preciso esclarecer que a expectativa do homem em encontrar a eternidade está presente em ambas as obras, entretanto, o conto revela aos leitores que a possibilidade de alcançar a imortalidade culminaria na ruína do ser humano, sendo assim, um caminho direto para a solidão, o esquecimento e a decadência. A partir desta ideia, Souza Mendes (2008) elabora em seu trabalho a concepção da eternidade nas obras de Jorge Luís Borges. De acordo com a autora, o entendimento de Borges sobre o presente é uma concepção tão abstrata para a compreensão do indivíduo que ao lidar com a ideia de eternidade se torna ainda mais incerta, entretanto, pelo fato do homem ter uma leve noção de que a eternidade não se expira, isto dá-lhe a sensação de conforto diante da sua inquietude, enquanto isso, o momento presente lembra-lhe a mortalidade, assim, algo que lhe passa a sensação de insegurança sobre como será o dia seguinte.

Em vista disso, o presente possivelmente manteria o estado agonizante sobre a humanidade, logo, para Borges, a única escapatória para o indivíduo é criar sonhos (ou até mesmo sonhar) para recuperar ou manter a existência do que fomos e do que somos, pois “ A ideia borgeana de eterno funda-se em uma ânsia por plenitude: todos os tempos em um só tempo, todos os pontos do espaço em um só ponto. Se essa plenitude é impossível para o sujeito, como já vimos, é tão impossível quanto o presente” (SOUZA MENDES, 2008, p.67). Portanto, como havia sido comentado, manter os “sonhos” é manter a nossa subjetividade ativa, aquilo que nos difere de um ao outro, e por esta razão que no conto *O imortal* a procura da eternidade representa a escolha como direção para a própria condenação. Viver eternamente é algo impossível de ser concebido pela humanidade, pois é a causa da maior angústia que pode ser atingida, visto que, “ o divino, o terrível, o incompreensível é saber-se imortal” (BORGES, 1999, p.27). Posto isto, a importância das reflexões trazidas por Saramago e Borges promovem um movimento de aceitação e compreensão da finitude, porque o processo de reconhecimento do luto é discutido pelos autores por meio da Literatura.

Como a autora Souza Mendes comenta:

Esse conto expressa a maravilha e a dor de ser humano: a mortalidade oprime os homens, queremos vencer os limites do tempo, mas, caso fôssemos capazes de fazê-lo, nos tornaríamos trogloditas, seres nulos perdidos na linha do tempo. O tempo e a percepção do limite que sua passagem impõe, a mortalidade, são condições de existência, dão sentido à vida. Viver como humano só faz sentido quando o homem abraça sua condição de ser temporal. O tempo é nossa maior questão; é também nossa única maneira de existir. (SOUZA MENDES, 2008, p.45)

Em suma, ambos os autores assumem o mesmo ponto de vista, no qual o homem não saberia lidar com a eternidade, uma vez que, se a humanidade estivesse disposta a

abdicar da própria finitude, permitiria a renegação da essência humana e seria possivelmente fadada a uma brutalidade: o eterno esquecimento e o eterno envelhecimento.

Como já apresentado, as entrevistas realizadas com José Saramago apresentavam a opinião do autor sobre a morte, em sua maior parte, quando havia oportunidade de reafirmar a importância de se refletir sobre a morte:

A morte não é uma entidade, a morte não é “alguém”. Aquilo a que nós chamamos morte é algo de impalpável, de indefinível, que habita, desde que nascemos, dentro de cada um de nós. Talvez preferíssemos um sinal, um esqueleto envolto num lençol. Reconhecê-la-íamos e isso seria tranquilizador. Talvez. Mas não passaria de uma representação. No limite, é algo que mata, e quando chega o momento ela manifesta-se e a gente sai de cena. (AGUILERA, 2010, p.174)¹⁶

A comparação entre as literaturas saramaguiana e borgeana possibilita o estabelecimento de diálogo entre os autores que auxiliam no reconhecimento mais profundo sobre as diversas facetas do meio literário que abordam temáticas semelhantes e consequentemente revelam pontos de vista sobre o mundo. Diante disso, este trabalho utiliza uma comparação breve entre os dois escritores. Na qual são analisadas as semelhanças e as distinções que formam as suas obras, de modo que promova uma análise que contribua para oferecer novas perspectivas ao público sobre a temática da morte e da eternidade na literatura.

Consideramos que a comparação entre as obras de José Saramago e Jorge Luís Borges busca uma produção de crítica literária que supere a idealização sobre a permanência do viver, pois ambas as narrativas retratam a perspectiva da eternidade com apontamentos críticos particulares e apresentam as possíveis consequências da imortalidade para a existência do homem. Com base nisso, destacamos os elementos mais relevantes de cada narrativa para que seja possível a elaboração da comparação entre os autores. De início, as construções dos enredos de José Saramago afetam os leitores por haver personagens que dialogam entre si de maneira poética, simples e filosófica, visto que, a troca de experiências das personagens por meio da conversa é um recurso para sensibilizá-los, à vista disso, o narrador tem como função de “traduzi-las” para leitores.

Berrini comenta:

O narrador misturou-se com a personagem, com ela se fundiu e fê-la pensar conforme suas próprias reflexões e di-lo claramente. Nem sempre delimita de forma assim insofismável as fronteiras entre o seu Eu e o das personagens, confundindo-se com elas. (BERRINI, 1998, p.60)

¹⁶ “Seriamente divertido”, *Expresso*, Lisboa, 19 de novembro de 2005 [Entrevista a Luisa Mellid-Franco]

Esta sensação das vozes misturadas, identificadas nos romances de José Saramago, constroem uma aproximação com o leitor que se sente inquieto com a problemática da eternidade retratada no romance. Com base nisso, a obra deseja propor uma reflexão sobre o processo de desumanização das relações sociais quando estão ausentes da morte, de maneira que seria impossível conviver socialmente com a imortalidade. A humanidade deseja se isentar das vivências e dos processos da velhice, da angústia, da enfermidade e da morte, no entanto, ao escolher este caminho da privação dos sentimentos ligados ao luto e a angústia, a humanidade abandona o sentido do viver.

Acabamos de ver como a sociedade moderna privou o homem de sua morte, só a devolvendo caso ele deixe de usá-la para perturbar os vivos. Reciprocamente, ela proíbe aos vivos de parecerem comovidos com a morte dos outros, não lhes permite nem chorar os que se vão, nem fingir chorá-los. O “luto” foi, entretanto, até nossos dias, a dor por exemplo excelência cuja manifestação era legítima e necessária. As designações arcaicas da palavra (*douleur*, *dol* ou *doel*) permaneceram na língua, mas com o sentido restrito que reconhecemos a palavra luto (*deuil*). Muito antes de ter recebido um nome, a dor diante da morte de alguém próximo já era a expressão mais violenta dos sentimentos mais espontâneos. (ARIËS, 2012, p.227)

Além do fato das vozes do narrador e das personagens estarem misturadas, ocorre a utilização do recurso do mundo às avessas para abordar um tabu para a sociedade: a morte. Sendo assim, a criação do espaço fantástico que seja livre da morte e na qual proporciona um cenário que favoriza os comportamentos absurdos, que dão forma nas maneiras indiretas para expressar as críticas sobre a sociedade contemporânea, uma vez que, para José Saramago, a sombra da morte sempre coabitou com o humano, desde o seu nascimento. De forma sucinta: sempre vivemos com a iminência de morrer.

De acordo com Gerth:

Seja “mundo às avessas”, ou seja, “visão fantástica de um mundo transformado”, trata-se sempre de uma quebra do ataque direto através de recursos estéticos (no mais amplo sentido) como o cômico e a neutralização de situações reais. Assim, esclarece-se então inclusive o fenômeno paradoxal de que a sátira ataca o desagradável de um modo agradável ao leitor, para o que Aristóteles já havia chamado a atenção. Sem dúvida, a correspondente situação política também obriga amiúde o satírico a falar “indiretamente”. (GERTH, 1977, p.04)

No entanto, o exercício que a humanidade praticou com o progresso dos tempos ocasionou afastamento da presença da morte. Mas o homem compreende que a morte é o próprio contraponto, em que, deve-se permitir viver a cada dia que se aproxima do fim, sem este princípio, possivelmente a humanidade desconsiderará qualquer vontade ou potência de viver. Neste ponto, o conto de Jorge Luís Borges se assemelha com o romance de José Saramago ao demonstrar as consequências desastrosas aos humanos que convivem com a eternidade, de maneira que a mortalidade lhe trouxera o maior mal

da sociedade: o esquecimento. A vivência milenar das personagens e o acúmulo de sabedoria e memória perturbaram as personagens que consequentemente tornaram-se animalescas, incomunicáveis e irreconhecíveis, nesse sentido, se fosse possível imaginar o pós *As intermitências da morte*, seria uma hipótese plausível de que as personagens tomariam o mesmo rumo do conto borgeano. Por fim, é perceptível que os autores se assemelham neste quesito, em que há a possibilidade de utilizar a Literatura como instrumento filosófico e social por meio da linguagem figurativa e poética.

Algumas diferenças são possíveis de identificar em relação ao conjunto, *em As intermitências da morte*, o autor cedeu a oportunidade de que a morte fosse personificada, ao realizar isso, é possível humanizá-la: cedendo-lhe um corpo, uma voz, um ponto de vista e uma história, enquanto, no conto *O imortal*, a morte não é abordada durante o conto, é percebida a sua ausência, no entanto, é mais evidente a marca da eternidade como recurso alegórico como abordagem por meio da literatura fantástica de Borges. Neste ponto, o trabalho considera que José Saramago concede corpo e voz à morte para reclamar a sua posição na existência do homem ao demonstrar que também é a forma complementar da humanidade, enquanto Borges concede o papel de silêncio para a morte, cujo distanciamento causara eventos desastrosos, enfim, seja pelas semelhanças ou pelas diferenças retratadas em cada texto literário, a palavra final deixada aos leitores é a necessidade da reflexão sobre as relações do homem diante de diversos temas filosóficos: a morte, o tempo e o fim. A literatura, como sempre, nos desperta e descobre a consciência humana pelo uso da palavra e da sensibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste estudo verifica que abordar um tema tabu – a morte – é um trabalho sensível e dificultoso para qualquer criador. No entanto, o desenvolvimento desta dissertação buscou demonstrar o compromisso social de José Saramago como escritor ao representar os valores artísticos que a literatura pode manifestar ao mundo. Diante desta afirmação, em *As intermitências da morte*, para que pudesse representar a explícita negação sobre a finitude humana, o escritor utilizou a sátira que tensiona o tema, por mais que haja a comicidade com o intuito promover o ridículo para retratar assuntos críticos, o cômico não alivia totalmente o seu público, desse modo, uma leitura de *As intermitências da morte* não é sobrecarregada de eventos dramáticos ou trágicos, conquanto a narrativa não permite que o seu leitor sinta-se aliviado com as passagens das leituras, pois quando este consegue desvendar os verdadeiros eventos relatados no romance, perturba-se com a identificação do livro consigo mesmo. Por ser assim, colocar o mundo às avessas e apresentar os absurdos que a sociedade promove foram estratégias eficazes que possibilitaram a revelação sobre as verdadeiras faces da humanidade diante da própria finitude.

Mahely Barros em *Riso, Ironia e Morte: um estudo de As intermitências da morte de José Saramago* disserta também a respeito dos recursos do cômico como manifestação dentro da obra, segundo ela “o riso se instala porque é cômico partir de uma premissa absurda e dar-lhe um desenvolvimento perfeitamente lógico. O próprio absurdo, aliás, é um dos motivos do cômico contemporâneo.” (BARROS, 2013, p.56), portanto, compreendemos que este estudo também identifica essa intenção do escritor português em utilizar recursos da sátira para abordar os problemas da contemporaneidade e busca a tentativa de colaborar com os estudos saramaguianos.

Além disso, quando comparamos as produções literárias de José Saramago, são observadas algumas diferenças na focalização da narrativa, no romance *As intermitências da morte* é visível que os núcleos de personagens são descentralizados, com finalidade de demonstrar ao público leitor que a morte acompanha todos em cada momento. Também este fator de não haver um núcleo personalizado, mais uma vez, o escritor elabora um romance cujas personagens são desprovidas de nomes - mas são identificadas por suas profissões - de certa maneira, a narrativa promove uma sensação de universalidade, de modo que estas personagens não possuem uma identidade que diferem uma da outra, apenas a sua funcionalidade:

Já foi dito que a despersonalização das personagens tem como marca a ausência de nomes próprios, já que perífrases as nomeiam, por meio de atributos vinculados às suas contingências. Nesse mundo que os nomes estão abolidos, há, contudo um contínuo refletir sobre a natureza e as funções do nome (FERREIRA, 2014, p.96)

Também, o romance apresenta a inquietação que as personagens sentem na ausência da morte e, no momento em que o escritor revela a face humana da morte, consegue sensibilizar os seus leitores, pelo fato de a morte se apaixonar pela primeira vez por um homem e consequentemente experimentando algo que compõem a humanidade do homem: o amor.

Dito isso, o romance *As intermitências da morte* assume a responsabilidade crítica de revelar os comportamentos narcísicos das personagens e as trapaças que o sistema aplica na sociedade – no meio político, religioso ou econômico – de qualquer maneira o jogo de influência e poder sempre se apresentou mais chamativo. No entanto, pode-se dizer que no mundo literário de Saramago há a existência de um feito de justiça social por meio da palavra, cujo dizer tem mais valor do que a materialidade, é a partir disso que os leitores conhecem profundamente o mundo de José Saramago no qual as personagens suportam diversas adversidades criadas nas suas narrativas – assumindo formas alegóricas da cegueira branca, uma mulher que vê as pessoas por dentro ou uma morte que se apaixona – de qualquer forma todas elas resistem ao corrompimento.

Diante disso, a morte teve a sua oportunidade de ter sido retratada neste romance repleta de humanidade e sensibilidade, o estudo compreende que assumir esta personagem personificada como uma mulher que reflete sobre a sua própria existência, função e sentimento foi uma das maneiras que o escritor português encontrou para reaproximar os leitores da morte, humanizando-a e cedendo-lhe voz e espaço para que a sua narrativa representasse a morte de um ponto de vista abrangente, que permite à Literatura refletir sobre o mundo por meio das palavras.

A primeira parte da dissertação dedicou-se para esclarecer sobre as problemáticas sociais, sejam nos menores e maiores núcleos do coletivo social. Diante da perspectiva entregue do romance aos leitores, na qual relata as dificuldades proporcionadas pela falta da morte, nos revela o sofrimento das famílias em conduzirem os parentes para as fronteiras para que pudessem morrer em paz. Além disso, a crise social arruína o funcionamento das instituições econômicas, políticas e religiosas, havendo cobranças desde os empreendedores e agentes da saúde que exigiam a melhoria no funcionamento dos hospitais, funerárias e das previdências sociais até a cobrança de líderes religiosos reivindicando a postura de correção e restauração da ordem do Estado. Logo, por meio

destes conflitos narrados ao público, conseguimos identificar a contrariedade de desejar a imortalidade na existência do homem, sendo assim, concluimos que existir sem a morte é negar a composição natural da existência e, possivelmente, sofreríamos consequências por este desejo.

A partir disso, o segundo capítulo da dissertação consolida uma síntese de reflexões a respeito da relevância que a morte representa na constituição individual e coletiva do homem, em vista disso, são discutidas as causas que incentivam o distanciamento da morte sobre o homem, assim, verificamos que parte desta insegurança e angústia que a humanidade sente sobre a finitude pode ser relacionada com os dogmas religiosos do *post mortem*, de modo que, o imaginário coletivo cria uma angústia na revelação do destino divino que a morte concederá: o céu ou o inferno.

Também, relatamos na investigação a intenção de alguns personagens da narrativa em transformar um movimento lucrativo na ausência da morte, o que ocasiona uma certa resistência por parte destes em não conseguirem aproveitarem o acúmulo de riqueza. Este cenário observado na história de *As intermitências da morte* é visto na nossa realidade, em que, convivemos com uma realidade na qual a ideia de finitude tornou-se apreensiva e devastadora, logo, evitar a morte na sociedade atual se expressa por meio de tentativas de manter padrões estéticos, como - intervenções cirúrgicas para o embelezamento - e altos investimentos em produções de pesquisas para retardar o envelhecimento ou doença, por fim, vemos que o conjunto de objetivos de diversos homens é evitar o seu próprio fim.

Contudo, as histórias de José Saramago em *As intermitências da morte* e outras obras consegue estabelecer com o seu público é um diálogo que possui diversas facetas, pois, a crueza dos cenários que são contados ao seu público, revelam o lado obscuro que a humanidade contém consigo mesma, a exemplo disso, entre as análises que foram realizadas durante a investigação, podemos concluir que há a criação de um ambiente desastroso, ausente de esperança e perverso cujas as próprias personagens constroem sobre si mesmas, no entanto, mesmo havendo esses sintomas que adoecem o convívio social, algo que José Saramago permite como criador das próprias histórias e romances é a renovação da humanidade, logo, as personagens reaprendem a se humanizarem e se compadecerem com a dor do outro. Sendo assim, as lições sarcásticas e duras que o autor escreve para as suas personagens, de alguma maneira, são finalizadas com um resquício de esperança, como o retorno da visão depois de uma cegueira branca ou como a morte aprendendo amar um homem.

Por fim, na última parte desta dissertação compreendemos a grande importância que José Saramago expressa no meio literário, pois como foi indicado nesta investigação, o compromisso da escrita é atrelada com o engajamento social, de maneira que, o autor consolida a comunicação com o público leitor ao compartilhar reflexões filosóficas, políticas e sociais que permeiam nas suas obras. Em *As intermitências da morte* percebemos uma leitura que vislumbra o comportamento anormal dos homens em negarem a finitude, a partir disso, a obra propõe uma profunda meditação sobre as mazelas sociais que tal atitude ocasiona. Observamos que a literatura saramaguiana não consegue ser adequada como panfletária, visto que, além dos recursos estéticos que são incorporados na construção do romance, a intenção do autor não contém a tentativa de promover ideologias, ao contrário, suas histórias se empenham em emancipar a consciência dos eleitores sobre o mundo, portanto, promove uma visão crítica do nosso cotidiano. Em vista disso, comentamos o valor de discutir sobre a morte na atualidade, além de José Saramago, citamos o trabalho de Jorge Luís Borges com o conto *O imortal* que se assemelha com *As intermitências da morte* ao refletir sobre as mazelas que a eternidade pode ocasionar ao homem, como a desintegração da memória da humanidade. Posto isso, ressaltamos a importância da contribuição dos estudos saramaguianos para sinalizar a colaboração que a literatura de José Saramago há sobre o meio literário e social.

Em suma, compreendemos que a obra *As intermitências da morte* contribui artisticamente e socialmente sobre as reflexões da nossa relação com a finitude, pois como foi dissertado durante a investigação, atualmente a humanidade trata a morte de maneira repulsiva e, José Saramago consegue retratar e discutir através da Literatura, as consequências irreversíveis que podem ocasionar com o distanciamento da morte, O uso da ironia e da sátira induzem os leitores em descobrirem a verdadeira mensagem que deverá ser revelada ao público, assim, concluímos que discutir sobre a aproximação do fim é algo que todos os homens sentem medo sobre a imprevisibilidade deste momento, conquanto, José Saramago nos revela da mesma maneira que a morte aceita a estranheza do amor que sente por violoncelista, a humanidade pode aceitá-la também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Fernando Gomez. *As palavras de José Saramago*: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Fernando Gomez Aguilera (sel. e org.), São Paulo: Companhia de Letras, 2010.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*: Da idade média aos nossos dias. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*, 1ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*: Da realidade à utopia. O homem como lugar onde, Centro de História da Cultura. Lisboa, v.33, p. 171-190, dez 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 3ed, São Paulo: HUCITEC Brasília - Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- BARROS, Mahely Florenço. *Riso, ironia e morte*: Um estudo de As intermitências da morte de José Saramago. Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Pernambuco, CAC Letras, 2013.
- BARTHES, Roland. *Aula*, Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Cultrix, 2000.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*, Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*, Paris: Garnier-Flammarion, 1964.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago*: O Romance, 2ed. Lisboa: Caminho, 1998.
- BECKER, Ernest. *A negação da morte*, Rio de Janeiro, Editora Record, 1973.
- BLOOM, Harold. *Bloom's Modern Critical Views*: José Saramago, Philadelphia, Chelsea House Publishers, 2005.
- BORGES. Jorge Luís. *Obras completas de Jorge Luís Borges*, v1, 3ed, São Paulo: Globo, 1999.
- BIZIAK, Jacob dos Santos e GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *A angústia e a ficção contemporânea*: Uma Reflexão, Revista Graphos, Universidade Federal da Paraíba, v.15, n.2, p.35-44, 2013.
- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura A Formação do leitor*: Alternativas Metodológicas, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránsky. Campinas, Papirus: Editora da Universidade de Campinas, 1993.
- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago*: um roteiro para os romances. Cotia, Ateliê, 1999.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ed, Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- FANTINATI, Carlos Erivany. *O professor e o escritor: estudos sobre literatura brasileira se leitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 2011.
- FERRAZ, Salma. *As faces de deus na obra de um ateu: José Saramago*, 2ed. Blumenau, Edifurb, 2012.
- FERREIRA, Sandra. *Da estátua a pedra: percursos figurativos de José Saramago* [livro eletrônico], São Paulo, Editora Unesp Digital, 2014.
- FREIRE, José Alonso Tórres. *Um diálogo explosivo: sátira, paródia e história*. Itinerários, Araraquara, n.22, 187-203, 2004.
- GERTH, Klaus. *Satire*. Trad de Aluizia Hanisch e Álvaro S. Simões Jr Praxis Deutsch. v. 22, p. 83- 86, 1977.
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *A História: Fonte de fato ou ficção?* Itinerários, Araraquara, v.15/16. p.141-149, 2000.
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *Uma representação irônica da morte e da escrita*. Todas as letras, São Paulo, v.13, n.1, p.63-70, 2011.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. 1ed, São Paulo: Atual, 1986.
- HODGART, Matthew. *La Satira* [Satire]. Trad. Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da idade média*. Trad. Francis Petra Janssen, 4ed, São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime: Prefácio de Cromwell*. Trad. Célia Berrettini, São Paulo, 2ed. Editora Perspectiva, 2007.
- JOLLES, André. *Formas simples: legenda, saga, mito, ditado, caso, memorável, conto, chiste*, São Paulo: Cultrix, 1976.
- MEDEIRAS, Natália Kanashiro de e FERREIRA, Sandra Aparecida. *Por trás do riso da morte: análise sobre as manifestações satíricas em As intermitências da morte de José Saramago*, Cadernos acadêmicos: conexões literárias, n.1, UNIFESP/SP-Leituras, Guarulhos-SP, dez. 2021.
- MEDEIRAS, Natália Kanashiro de. *A pintura, a literatura e a morte: Análise da alegoria da morte em As intermitências da morte de José Saramago*, Inventário, Salvador, n.29, p.155-168, fev. 2022.
- MEDEIRAS, Natália Kanashiro de. *Entre a realidade e o absurdo: uma análise literária sobre os apontamentos críticos de As intermitências da morte, de José Saramago*. Navegações, Porto Alegre, v.15, n1. p.1-8, jan-dez.2022.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*, 1ed, Lisboa: Caminho, 1998.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*, 4ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, João Céu e. *Uma longa viagem com José Saramago*, 1ed, Lisboa: Porto Editora, 2009.

SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira*: contribuições da teoria alemã na década de 60, Fragmentos, Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, 1998.

SOTTA, Cleomar Pinheiro. *Labirintos de Borges e Saramago*: espaço, palavra e identidade, São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2012.

SOUZA MENDES, Paula Marchesini de. *A eternidade na obra de Jorge Luís Borges*, Dissertação de mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*, 1ed. Premia, 1980.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna, 1ed, Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1996.